



---

ETNOMAPEAMENTO DA TERRA INDÍGENA  
CAIÇARA / ILHA DE SÃO PEDRO DO POVO XOKÓ

---





*Etnomapeamento  
da Terra Indígena Caiçara/  
Ilha de São Pedro  
do Povo Xokó*

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO	
PRESIDÊNCIA DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO	
Artur Nobre Mendes	
DIRETORIA DE PROTEÇÃO TERRITORIAL - DPT	
Walter Alves Coutinho Junior	
DIRETORIA DE PROMOÇÃO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - DPDS	
Patrícia Chagas Neves	
DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO - DAGES	
Janice Queiroz De Oliveira	
UNIDADE DE GESTÃO DO PROJETO GATI – GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL INDÍGENA	
DIRETORA NACIONAL DO PROJETO - DPDS/FUNAI	
Patrícia Chagas Neves	
COORDENADOR NACIONAL DO PROJETO - CGGAM/FUNAI	
Fernando de Luiz Brito Vianna	
OFICIAL DE PROJETO DO PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO	
Rose Diegues	
COORDENADOR TÉCNICO DO PROJETO - PNUD	
Robert Pritchard Miller	
COORDENADOR DE PLANOS DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL (PGTA) - PNUD	
Ney José Brito Maciel	
COORDENADORA FINANCEIRA DO PROJETO - CGGAM/FUNAI	
Valéria do Socorro Novaes de Carvalho	
ASSISTENTES ADMINISTRATIVOS - CGGAM/FUNAI	
Caio César de Sousa de Oliveira	
Sofia Morgana Siqueira Meneses	
ANAI – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE AÇÃO INDIGENISTA	CARTOGRAFIA
PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR	Maurice Seiji Tomioka Nilsson
José Augusto Laranjeiras Sampaio	
VICE PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR	REVISÃO
Maria Rosário Gonçalves de Carvalho	André Oliveira (estudante)
	Angela Apolônio Rosa Lima (coordenadora pedagógica)
EQUIPE TÉCNICA	Antônio Neto (estudante)
Alexandre Santos Pankararu – Cineasta	Camila Pereira da Silva (participante do projeto)
Ana Paula Ferreira de Lima – Gestora do projeto	Daniely Silva dos Santos Lima (professora)
Avelar Araújo dos Santos Júnior – Geógrafo	Eunice Sawana Silva Rodrigues (estudante)
Cristiane Gomes Julião – Pesquisadora indígena	Gerônimo Faustino Santos (estudante)
Karine Santos Xokó – Pesquisadora indígena	Ianara Apolônio Rosa (professora)
Lara Erendira Andrade – Antropóloga	Jeanderson Nogueira dos Santos (estudante)
Marcelino Soyinka Dantas – Biólogo	Joseane Acácio dos Santos (professora)
Maurice Seiji Tomioka Nilsson – Geógrafo	Juma Grazielle Tenório (professora)
	Karine dos Santos (participante do projeto)
	Leide Maria Rodrigues Ramos (professora)
	Maiko dos Santos Souza (estudante)
	Margarida dos Santos Medeiros (estudante)
	Paulo Henrique Costa Apolônio (estudante)
	Suzimar Nogueira dos Santos (professora)
	Valéria das Neves Santana (professora)
	Valtênio Medeiros Acácio da Silva (estudante)
	PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
	Humberto Jorge Farias
	Gustavo Santos
RELATÓRIO ORIGINAL	
Lara Erendira Almeida de Andrade	
Marcelino Soyinka Dantas	
Maurice Seiji Tomioka Nilsson	

# Sumário

APRESENTAÇÃO	6
COMO FOI FEITO	8
ONDE ESTÁ LOCALIZADA A TERRA INDÍGENA CAIÇARA/ ILHA DE SÃO PEDRO	12
POPULAÇÃO DA TERRA INDÍGENA	13
TERRITÓRIO XOKÓ: UMA ILHA VERDE	13
O “TEMPO DAS FAZENDAS” E A LUTA DE RECONQUISTA	14
MOVIMENTO DE RECONQUISTA DO TERRITÓRIO	20
E A TERRA SE RECUPERA...	21
COMO VIVEM OS XOKÓ HOJE	22
Agricultura, pesca e pecuária	25
O rio São Francisco e as lagoas	27
A mata da Caiçara	30
Lugares de memória e cultura	31
PRINCIPAIS AMEAÇAS E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS	32
PLANO DE AÇÃO	35
Retirada ilegal de madeira e caça predatória	35
Resíduos líquidos e sólidos	37
Rio São Francisco	37
Reconhecimento e valorização da memória e identidade	38





## ***Índice de Mapas***

Mapa 1 – Divisão municipal

Mapa 2 – Rodoviário e distâncias

Mapa 3 – Povoados e outras localidades

Mapa 4 – Vegetação na Terra Indígena

Mapa 5 – O processo de reconquista das antigas fazendas

Mapa 6 – Mudanças na vegetação da Terra Indígena

Mapa 7 – Imagem de satélite 1985

Mapa 8 – Imagem de satélite 2000

Mapa 9 – Imagem de satélite 2011

Mapa 10 – Uso de recursos

Mapa 11 – Destaque Ilha de São Pedro

Mapa 12 – Destaque Fazenda Marias Pretas e região

Mapa 13 – Destaque Caiçara, Surubim e São Geraldo

Mapa 14 – Mudanças na vegetação da Terra Indígena: desaparecimento das lagoas

Mapa 15 – Lugares importantes para a história dos Xokó

Mapa 16 – Ameaças e conflitos socioambientais

Mapa 17 – Contexto regional e ameaças

Mapa 18 – Contexto regional e ameaças - Imagem de satélite





## Apresentação

Essa publicação é fruto de uma parceria entre o povo Xokó da Terra Indígena Caiçara/ Ilha de São Pedro, a Associação Nacional de Ação Indigenista (Anai), a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI).

O objetivo desse livro é apresentar de maneira simples e ilustrada a situação da Terra Indígena Caiçara / Ilha de São Pedro e quais os planos de futuro do povo Xokó, através do etnomapeamento construído de maneira participativa em 2014 por membros do povo Xokó e a equipe técnica da Anai. Dentre os Xokó envolvidos participaram diretamente da produção desse material o cacique, o pajé, lideranças tradicionais, anciãos, membros de associações, membros do grupo de viveiristas, apicultores, agricultores, pescadores, agentes de saúde e saneamento e professores, gestores e jovens alunos da escola.

A Anai, uma associação atuante na causa indígena há mais de 30 anos, foi indicada pela Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoime) para apoiar comunidades indígenas no bioma da Caatinga na elaboração de Etnomapeamentos e Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs).

Os etnomapeamentos e etnozoneamentos são ferramentas de gestão dos territórios previstas na Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas, a PNGATI (decreto nº 7.747 de 05/06/2012).

Os Xokó da TI Caiçara/ Ilha de São Pedro fizeram seu etnomapeamento motivados pelo desejo de que ele contribua para a garantia dos direitos territoriais; os desafios no enfrentamento de questões ambientais como retirada ilegal de madeira, queimadas, assoreamento e poluição de rios por não índios, riscos à biodiversidade das terras indígenas ilhadas por fazendas e outras áreas degradadas; a necessidade de garantir a autonomia cultural e política para melhor desenvolver a gestão ambiental e territorial; a necessidade de desenvolver alternativas econômicas capazes de gerar renda de maneira sustentável; e a luta cotidiana que é de todos os povos para conservar e proteger seu território.

Para os Xokó a garantia do direito ao usufruto pleno dos recursos de seu território e o acesso a políticas públicas voltadas para a educação, saúde, produção e meio ambiente são fundamentais para o bem viver do povo. Para eles, a gestão ambiental e territorial das terras indígenas tem impactos positivos para além dos limites dela, pois garantem serviços ambientais para todo o entorno.

A realização do etnomapeamento protagonizado pela juventude Xokó contribuiu para aumentar o conhecimento dos jovens sobre seu próprio território, através da relação entre gerações. O processo também levou os Xokó a refletirem sobre o passado, o presente e o futuro de seu território e colocou em discussão questões que demandam acordos internos ou a intervenções de agentes externos.

Com a publicação do etnomapeamento e de um plano de ação espera-se divulgar a maneira com que os Xokó vêm cuidando do seu território, apresentando também os principais desafios enfrentados pela comunidade atualmente. Além de ser um material com grande potencial de uso pelas escolas, associações e lideranças indígenas.



## Como foi feito

O Etnomapeamento da Terra Indígena Caiçara/ Ilha de São Pedro foi construído em três etapas que transcorreram entre os meses de junho de 2014 e janeiro de 2015, sendo elas: 1) Sensibilização e mobilização; 2) Diagnóstico e etnomapeamento e 3) Validação e proposição dos indicadores de gestão. Os resultados do trabalho foram apresentados e discutidos no *Seminário Pensando Gestão Ambiental e Territorial com Povos Indígenas no Nordeste*, que aconteceu na cidade de Paulo Afonso (BA) em abril de 2015, com a participação dos Xokó (SE), Pankararu (PE), Xukuru (PE), Potiguara (PB), Tremembé (CE) e Caxixó (MG), além de representantes da Funai e outras organizações parceiras.

Tendo como princípio o protagonismo dos indígenas, os Xokó discutiram e refletiram sobre as atuais condições socioambientais do seu território, com assessoria da equipe da Anaí, composta por dois geógrafos, um biólogo e um cineasta pankararu e uma estudante xokó. Através de elaboração de mapas foi discutido e proposto um planejamento de ações voltadas para a sustentabilidade ambiental e para a qualidade de vida das presentes e futuras gerações. Isso foi possível através da realização de oficinas voltadas para os jovens Xokó, nas quais se discutiu temas relativos à gestão ambiental e territorial da Terra Indígena Caiçara/ Ilha de São Pedro e se definiu temas de pesquisa e atividades de campo para realização do mapeamento, em que os anciãos e lideranças eram os guias e professores.

Como a comunidade é pequena e se concentra em apenas uma aldeia foram realizadas cinco oficinas na única escola da Ilha de São Pedro: a primeira de introdução ao tema da gestão ambiental e territorial, a segunda de técnicas de registro audiovisual, a terceira de mapeamento, a quarta de edição de vídeos e a quinta de validação do etnomapeamento e proposição de ações de gestão. As oficinas foram seguidas de caminhadas guiadas pelo território e pesquisa de campo desenvolvida pelos jovens Xokós.

A primeira oficina teve como objetivos apresentar conceitos chave relacionados à gestão ambiental e territorial, apresentar o contexto político no qual esses conceitos se inserem, conhecer a visão dos jovens sobre seu território e identificar as questões que norteariam as pesquisas de diagnóstico e etnomapeamento a serem realizadas pelos grupos de jovens. Nessa oficina também foi construída uma Linha do Tempo que viria a resultar no **Mapa 5 – O processo de reconquista das antigas fazendas** (página 34). A partir da oficina formaram-se dois grupos de pesquisa: Impactos Ambientais e Memória e identidade, que construíram roteiros de pesquisa que foram desenvolvidos entre uma oficina e outra, de modo a complementar as informações produzidas nas caminhadas guiadas pelo território com anciãos e lideranças conhecedoras da história e do ambiente da terra indígena. Realizada logo em seguida, a oficina de registro audiovisual ofereceu subsídios para o registro das pesquisas realizadas pelos jovens xokós.

As caminhadas guiadas pelo território foram conduzidas por diferentes pessoas, nas mais diversificadas situações de suas rotinas diárias, seja na ida à feira para a venda de produtos da horta, seja na retirada de leite no começo do dia ou acompanhando o trabalho no roçado ou na pescaria. Foram visitados locais como: pontos de retirada ilegal de madeira e caça predatória; áreas de mata de Caatinga preservada; lagoas secas e trechos do rio assoreados; pastos, roças e quintais familiares; antigas sedes das fazendas Belém, São Geraldo, Surubim e Marias Pretas; acessos e limites com o Assentamento de Reforma Agrária Vitória do São Francisco, com o Território Quilombola Mocambo, com a fazenda Canta

1ª Oficina de Gestão Ambiental e Territorial realizada no Colégio Estadual Indígena Dom José Brandão e Castro (Foto: Alexandre Panakararu, 2014)





Galo e outras pequenas e médias propriedades do entorno; locais de importância histórica como o cemitério dos caboclos, o forno do cal, o pasto do algodão e antigo arruado da Caiçara.

A terceira oficina foi dedicada à construção de etnomapas e a análise de imagens de satélite para melhor compreensão da realidade ambiental do território indígena e as transformações ocorridas desde a retomada, uma vez que foram analisadas imagens dos anos de 1985, 2000 e 2011. As informações produzidas nas oficinas e caminhadas guiadas foram organizadas em um banco de dados num Sistema de Informações Geográficas (SIG). Avançando na organização das informações produzidas, os jovens participaram de oficina de edição de vídeo e transformaram seus registros em curtas que foram apresentados à comunidade e divulgados nas redes sociais da internet.

O registro audiovisual de todo o processo possibilitou maior envolvimento e esclarecimento da comunidade em geral, pois após cada etapa de campo, foram feitas exibições de vídeos na faixada da igreja de São Pedro, no centro da aldeia, que retratavam as atividades de realização do etnomapeamento. Ao final, foram produzidos quatro vídeos pelo cineasta da equipe da Anaí relativos às três etapas do projeto e um de síntese de todo o processo, e também foram produzidos vários vídeos pela turma de jovens que conduziu as pesquisas do etnomapeamento, entre eles o vídeo Impactos sobre resíduos sólidos na ilha de São Pedro. Esse material pode ser visto no canal **Anaí índios** do Youtube e na página **Gestão Ambiental e Territorial Indígena no Nordeste** do Facebook.

Na última oficina, os mapas e relatórios produzidos foram apresentados para a comunidade indígena em geral, a fim de verificar se as informações ali contidas refletiam a visão dos Xokó sobre o território e de encaminhar as alterações julgadas necessárias pela coletividade no material apresentado. Nesse momento, refletiu-se e chegou-se ao consenso sobre a necessidade de ações voltadas para a gestão ambiental e territorial. Os etnomapas elaborados durante o projeto abordam temas considerados de interesse pelos Xokó para a discussão da gestão ambiental e territorial.

Os etnomapas elaborados durante o projeto abordam temas considerados de interesse pelos Xokó para a discussão da gestão ambiental e territorial.

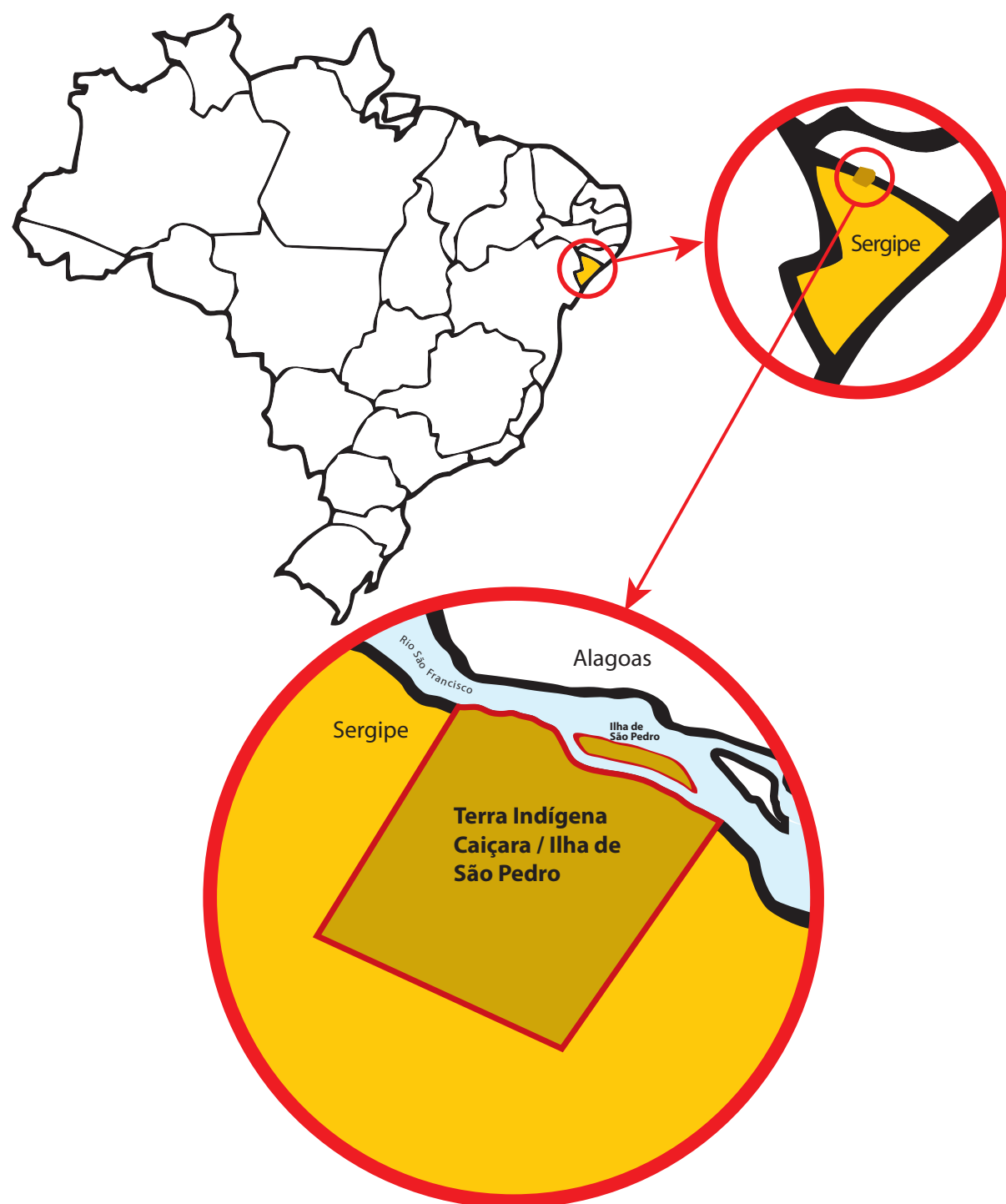
### Fluxo de Atividades





## Onde está localizada a Terra Indígena Caiçara/ Ilha de São Pedro

A TI Caiçara/Ilha de São Pedro, de ocupação tradicional do povo indígena Xokó, está localizada no município de Porto da Folha, no semiárido sergipano, inserida bioma da Caatinga, na bacia hidrográfica do rio São Francisco. (ver **Mapa 1 – Divisão Municipal**). Esta Terra Indígena foi homologada pelo Decreto Federal nº 401 de 24/12/1991 e conta com área oficial de 4.316 hectares, sem pendências na sua situação jurídica de regularização. Está situada a 130 km em linha reta de Aracaju e a 175 km passando por rodovias federais e estaduais (BR-101, SE-230, SE-179 até a SE-413) (ver **Mapa 2 – Rodoviário e distâncias**).



Mapa elaborado por Karine Santos, participante do projeto como pesquisadora indígena



Mapa 1 –  
Divisão municipal

Legenda

- VIZINHOS
- Comunidade Quilombola do Mucambo
  - Projeto de Assentamento da Reforma Agrária
- Vitória do São Francisco
- Aldeia
  - Riachos temporários
  - Estrada não pavimentada
  - Estrada pavimentada
  - Sem informação sobre a situação da estrada
  - Estrada não pavimentada de uso local
- Limites da Terra Indígena
- Rio São Francisco
- MUNICÍPIOS DE SERGIPE
- Canindé de São Francisco
  - Gararu
  - Monte Alegre de Sergipe
  - Nossa Senhora da Glória
  - Porto da Folha
  - Poço Redondo
- MUNICÍPIOS DE ALAGOAS
- Batalha
  - Belo Monte
  - Jacaré dos Homens
  - Palestina
  - Pão de Açúcar
  - São José da Tapera



**Fontes:**  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000



Mapa 2 – Rodoviário e distâncias

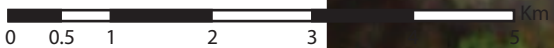


Legenda

- Habitações
- Aldeia
- Rio
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

Fontes:

Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000



A Terra Indígena tem como vizinhos o Assentamento de Reforma Agrária Vitória do São Francisco, a leste; o Território Quilombola Mocambo, a oeste; e a Fazenda Canta Galo e outras pequenas e médias propriedades no entorno (ver **Mapa 3 – Povoados e outras localidades**). Os Xokó mantêm boas relações com a maioria de seus vizinhos e conservam na memória as várias doações de peixe que os companheiros do Mocambo lhes fizeram, particularmente, durante as ocupações de retomada das fazendas São Geraldo e Surubim. Por outro lado, lideranças do Mocambo contaram com o apoio indígena na orientação de estratégias de organização política para efetivar a conquista do território quilombola.

Há muito tempo, os dois grupos fazem uso comum de uma significativa área de mata de Caa-tin-ga, como também, da lagoa São Geraldo e de trechos do rio São Francisco. O compartilhamento destes espaços acaba demandando acordos que são livremente negociados de maneira amistosa e colaborativa. Por exemplo, ambos contribuem para a manutenção das cercas que limitam os dois territórios tradicionais. Neste caso, há alguns anos, membros do Mocambo retiram madeiras para estacas dos dois territórios, implantando-as mantendo o arame dos Xokó. Parceria e respeito mútuo demonstrado no depoimento do cacique Bá (33 anos):
















*Nós ajudamos o Mocambo na luta deles e eles nos ajudaram muito também. E a luta deles começou depois da nossa, e demos apoio também. Os pobres não podem se dividir, tem que se unir pra serem fortes. Eles viviam na mesma condição da gente, trabalhando para enriquecer os fazendeiros. Hoje eles têm terra pra plantar, criar e viver bem.*

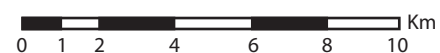
O camponês Júlio está na Ilha para lutar com os índios em 1979.  
Foto: Fábio Santos (Arquivo CIMI)



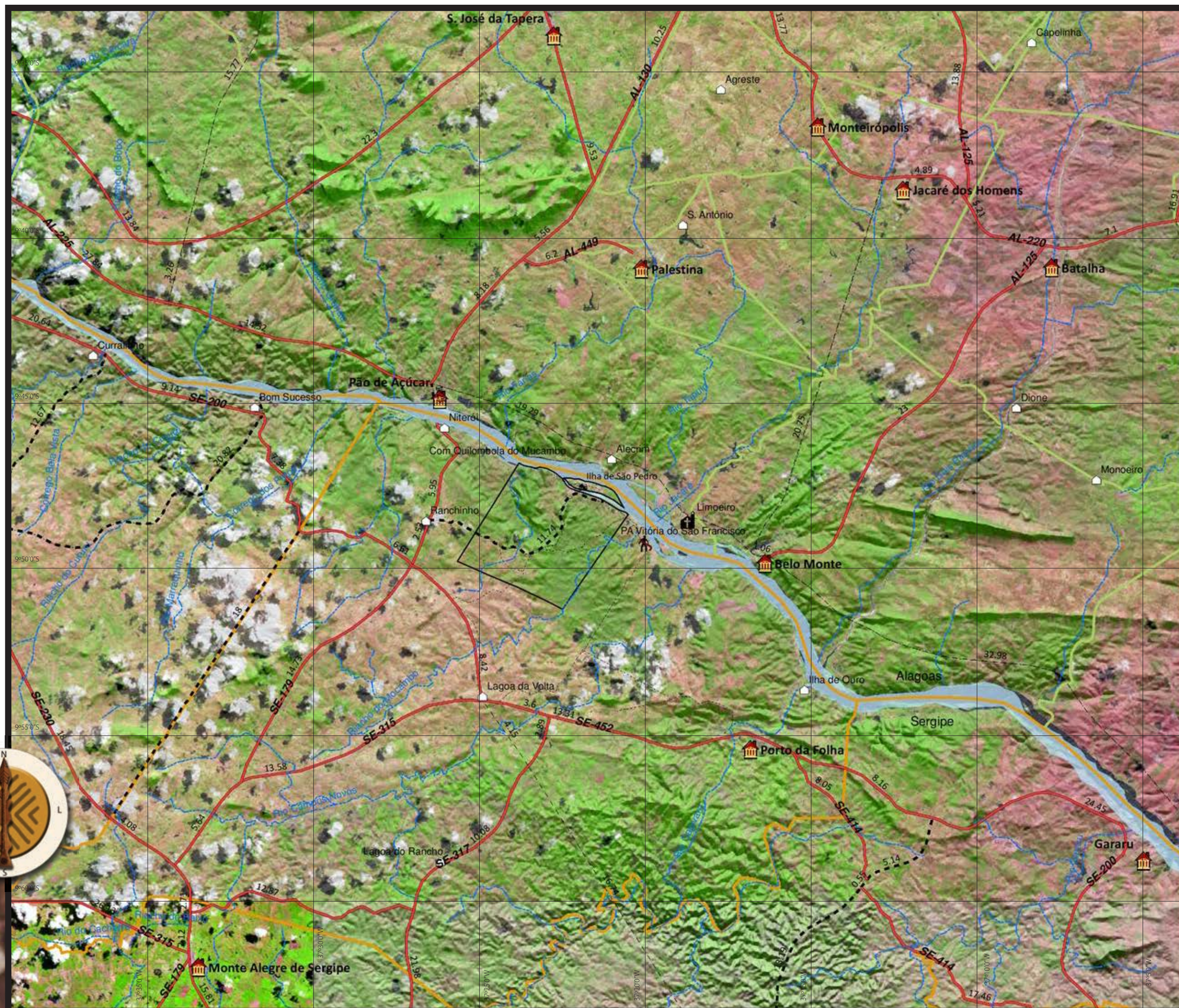


## Legenda

-  Cidade
- VIZINHOS
-  Comunidade Quilombola do Mucambo
-  Projeto de Assentamento da Reforma Agrária
- Vitória do São Francisco
-  Povoado
-  Vila
-  Aldeia
-  Riachos temporários
-  Estrada não pavimentada
-  Estrada pavimentada
-  Sem informação sobre a situação da estrada
-  Estrada não pavimentada de uso local
-  Limites da Terra Indígena
-  Limites dos municípios de Sergipe
-  Limites dos municípios de Alagoas
-  Rio São Francisco



Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000







Travessia do rio  
São Francisco de canoa  
(Foto: Avela Junior, 2014)



Lateral da igreja de São Pedro  
(Foto: Avela Junior, 2014)



Rio Mocambo  
(Foto: Avela Junior, 2014)



Futebol diário - principal  
atividade recreativa  
dos homens nos tempos  
de não-trabalho  
(Foto: Avela Junior, 2015)



A Ilha de São Pedro vista de cima  
(Foto: Uiran Xokó, 2014)



Rio São Francisco  
(Foto: Franklin Xokó, 2015)



Placa na estrada  
não pavimentada SE-413  
(Foto: Avela Junior, 2014)

Aspecto da caatinga fechada.  
Ao fundo Serra Gêmeas Belém  
(Foto: Avela Junior, 2014)



Marco de um dos limites da Terra Indígena  
(Foto: Alexandre Pankararu, 2014)



Área de mata de  
Caatinga na Caiçara.  
Ao fundo Serras Gêmeas  
Belém (Foto: Avela  
Junior, 2014)

Segundo dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) em 2013 viviam 409 xokós na TI Caiçara/ Ilha de São Pedro. Em 2016, o cacique Bá calcula que vivam aproximadamente 450 xokós no território. Outros indígenas moram em áreas urbanas de outros municípios de Sergipe e Alagoas, principalmente Aracaju (SE) e Pão de Açúcar (AL), mas também em localidades distantes nas áreas metropolitanas de Rio de Janeiro e São Paulo para onde migraram em busca de trabalho. De acordo com os dados da Funai, em 2010 haveriam 63 famílias nesta situação.

População do povo Xokó da Terra Indígena Caiçara / Ilha de São Pedro, segundo diferentes fontes

POPULAÇÃO	250	310	305	333	404	363	409	450
	1987	1996	2003	2010	2010	2012	2013	2016
ANO	1987	1996	2003	2010	2010	2012	2013	2016
FONTE	Informação pessoal de Apolônio (liderança xokó)	FUNAI	FUNASA	IBGE	Funasa (apud ISA)	FUNAI	Sesai	Informação pessoal de Lucimário (Cacique xokó)

## Território Xokó: uma ilha verde

A Terra Indígena Caiçara/ Ilha de São Pedro, juntamente com seus vizinhos assentados e quilombolas, representa uma “ilha verde” na região onde predominam pequenas fazendas de criação de gado leiteiro (ver **Mapa 4 – Vegetação na Terra Indígena**).

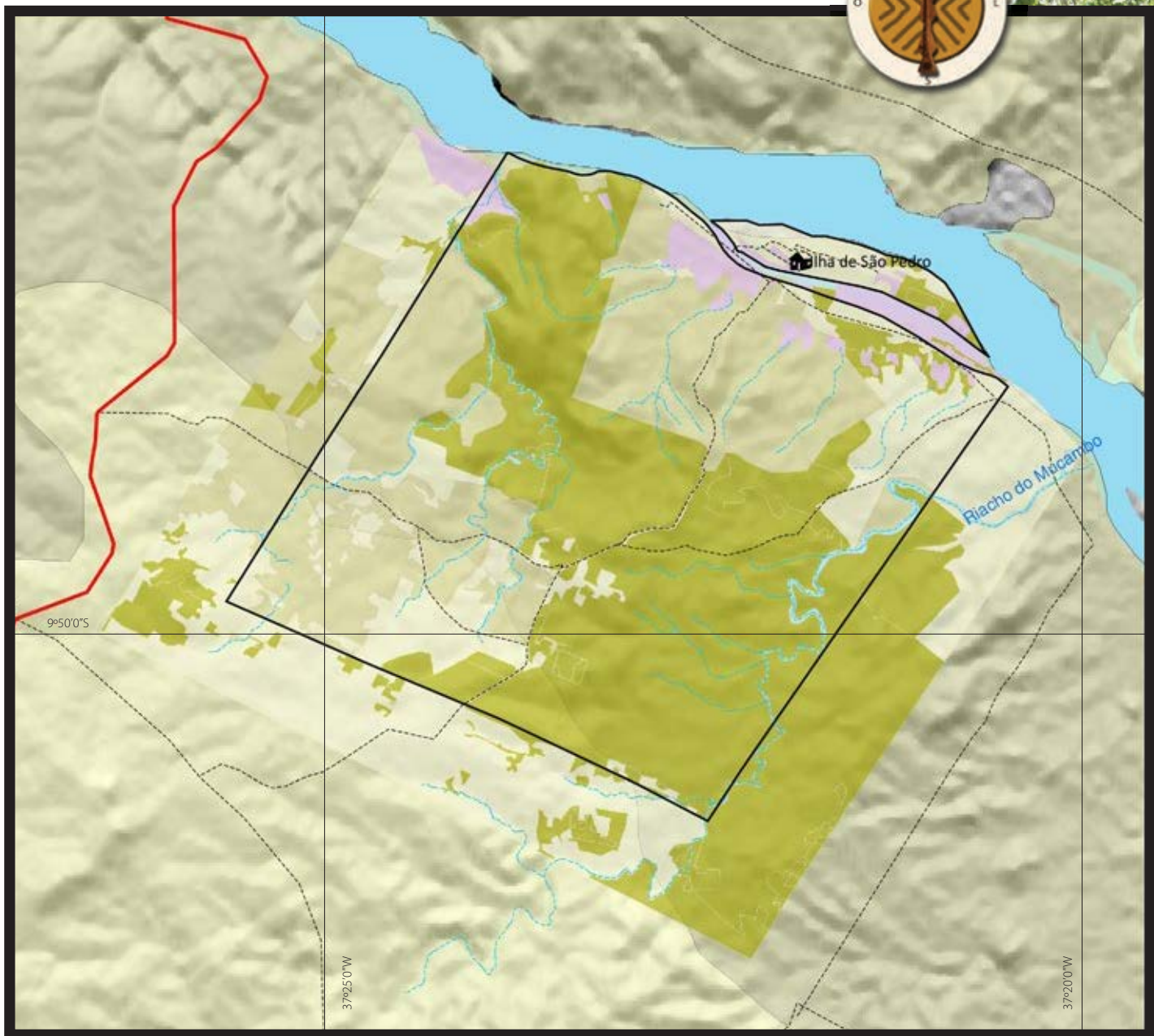
O contexto socioambiental onde os Xokó vivem hoje é resultado da dinâmica de interações entre as pessoas e o ambiente da TI Caiçara/Ilha de São Pedro ao longo do tempo, entre elas os Xokó, membros da missão, e fazendeiros que, por mais de cem anos, dominaram as relações sociais e atividades produtivas no território.

Após a reconquista dos Xokó sobre seu território, a forma desse povo viver e trabalhar na terra tem resultado na progressiva recuperação do ambiente e hoje a Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro se encontra com a maior parte de sua área (81%) com a vegetação nativa em processos avançados de regeneração.

Isso é possível porque quase toda a população da terra indígena reside na Ilha de São Pedro, havendo duas ou três casas apenas na Caiçara. As áreas utilizadas para a agricultura também se encontram principalmente às margens do rio São Francisco, por conta da disponibilidade de água e solos mais férteis formados pelos locais que em tempos anteriores ficavam alagados nos períodos de cheia do rio. A criação de gado, realizada em pequena escala, é conduzida sem a abertura de novas áreas, pois, o gado é criado solto na Caatinga. Além disso, as áreas de mata também possuem forte representatividade simbólica, pois, é onde se localizam espaços sagrados importantes como o Cemitério dos Caboclos e o Ouricuri.



## Mapa 4 – Vegetação na Terra Indígena



### Legenda

- Aldeia
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada
- Área aberta
- Vegetação de Caatinga
- Vegetação pioneira
- Vegetação em regeneração
- Vegetação regional**
- Roça e pecuária
- Caatinga

### Fontes:

Imagens de satélite Landsat 1984, India Resources Sat 2013 e Digital Globe  
Fundo vegetação (probio 2002)  
Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000

## O “tempo das fazendas” e a luta de reconquista

A luta pela terra é muito importante na identidade do povo Xokó. É uma memória dolorosa que ao mesmo tempo une e dá significado à comunidade enquanto povo.

Após longo período de disputas e conflitos, mas sem nunca desistir do retorno ao seu território tradicional, os Xokó encontravam-se desde fins da década de 70 confinados à área da Caiçara e entorno da sede da Fazenda Belém, com o restante da área ocupado por fazendas de grandes proprietários da região. As dificuldades para sobrevivência nessa pequena área, além do regime de exploração a que eram submetidos pelos fazendeiros na região, alimentou o desejo de retorno à totalidade do território tradicional que estava na memória deste povo. Dessa forma, através de sucessivas batalhas jurídicas e retomadas de terras das fazendas, foram aos poucos superando os obstáculos que impediam o acesso e ocupação total dessas áreas<sup>1</sup>.

Antes da retomada da Ilha de São Pedro, a maior parte dos Xokó vivia num arruado da Caiçara, em aproximadamente 22 casas. Outras poucas famílias moravam nas proximidades da sede da fazenda Belém e numa pequena concentração de casas no lugar chamado “Alto”. As localizações desses conjuntos de casas foram determinadas a partir das suas proximidades com os pastos (especialmente o pasto de algodão) e com áreas de plantio e lagoas (sobretudo da Caiçara, do Carrinho, Vargem e Lagoa Grande), onde os Xokó trabalhavam. Nas últimas décadas sob o “regime dos fazendeiros”, a área denominada Caiçara era dividida em quatro grandes propriedades particulares, as fazendas Belém, Marias Pretas, Surubim e São Geraldo.

A relação dos Xokó com a Caiçara é muito forte principalmente entre os mais idosos, pois foi ali onde passaram sua infância, onde alguns casaram e tiveram filhos e onde começou a luta pela terra. Em memória ao passado, muitos anciãos se referem à Ilha de São Pedro como “a Terra da Missão” e à Caiçara como “a Terra dos Índios”.

Ainda durante a primeira metade do século 20, no auge da criação de gado e plantio de arroz no baixo São Francisco, predominava a exploração direta da força de trabalho dos Xokó através da prestação de “favores” e obediências, como também, por meio de baixos salários ou de acordos com os fazendeiros que os colocavam como “meeiros”, reservando apenas um terço do produzido aos trabalhadores. Nesse período, os casos de violência física, moral e/ou psicológica eram constantes, e ainda são marcantes na memória coletiva dos Xokó, como pôde ser visto no reconhecimento de lugares específicos do território que remetem a situações emblemáticas de assassinatos, castigos e humilhações, tal como o porão da sede da antiga fazenda Belém.

Exceto o que era pescado no rio São Francisco, todos os demais recursos necessários à sobrevivência das famílias eram fornecidos pelos fazendeiros. Para manter esse vínculo de dependência era proibido aos Xokó fazer hortas nos quintais das suas casas. Até o que era produzido nas pequenas roças do Belém destinado ao sustento das famílias era dividido com os Britos, família proprietária da área.

(1) Em 1879, foi solicitada ao Governo Central, pela Câmara Municipal da Ilha do Ouro, uma légua de terras próprias do “extinto” e “abandonado” aldeamento de São Pedro. O processo de outorga durou quase uma década, até que, em 1887, o Ministério da Fazenda declarou a concessão das terras do antigo aldeamento de São Pedro à municipalidade. A partir de 1888, os lotes foram dispostos ao aforamento, tendo sido arrendados por grandes proprietários de terra, como o Coronel João Fernandes de Brito que, em 1897, apareceu como foreiro de cinco dos oito lotes do antigo aldeamento, compreendendo as áreas chamadas à época de Ilha de São Pedro, Lagoa da Caiçara, Lagoa do Pão de Açúcar e Brandão, Lagoa Grande e um terreno encravado em tal conjunto.





Frei Enoque Salvador  
em visita aos índios



Os índios em conversa  
com Frei Enoque Salvador  
que lhes fora  
levar mantimentos



Os sinos foram levados  
de volta para Ilha  
e colocados em frente  
da Igreja

Fotos: Fábio Santos  
Arquivo CIMI

Os Xokó eram obrigados a entregar toda a sua produção de milho, arroz e algodão, exclusivamente para os Britos, com risco de serem expulsos da Caiçara os que desrespeitassem essas ordens. A justificativa era que o uso da terra deveria ser pago com trabalho e a forma de controle era a “folha”, uma lista dos débitos de cada família. Nem a parte que cabia aos trabalhadores podia ser comercializada a terceiros. Quando uma família não tinha condições de pagar pelo que recebera, esta tinha de saldar a dívida com arroz e outros serviços, inclusive, contando com o trabalho de crianças.

*Me lembro muito que eu, menino, na época ainda tava no poder dos coronéis trabalhando pra eles, a gente tinha que “vigiar canteiro”. O arroz começando a miar, tinha que fazer primeiro o canteiro para poder plantar na lagoa. A gente fazia e nossos pais eram obrigados a mandar a gente vigiar os canteiros. Era como uma penitência, vigiando o dia todinho para o passarinho não arrancar a lavoura. A gente era como escravizado e mal tirava o de comer. (Seu Nenel, 59 anos)*

Quando os Xokó pescavam nas lagoas também tinham que dividir a pescaria com os fazendeiros, de modo que o tudo que era pescado por uma família era dividido em quatro partes, ficando três para os fazendeiros e uma para os Xokó. O controle também acontecia com a produção das cerâmicas que, por muito tempo, garantiu um importante complemento na renda das famílias. As chamadas “louças” eram vendidas pelos Xokó em Pão de Açúcar, mas, no domingo, dia antes da feira, o “procurador” (administrador da fazenda) saía de porta em porta recolhendo panelas de cada família, dizendo que se tratava de um imposto.

Por conta da resistência contra essas formas de exploração muitos Xokó tiveram de sair do território, dispersando-se por várias cidades de Alagoas e Sergipe.

A principal atividade econômica das fazendas era a pecuária e a depender das condições ambientais de cada época do ano, parte da renda gerada com o gado era investida na produção do algodão, milho e arroz, principalmente. Os terrenos destinados às pastagens eram os mais valorizados, logo, a nenhum Xokó era permitido fazer roçados nas margens do rio e lagoas, pois eram os locais onde mais crescia o calumbi, vegetação que servia de alimento para o gado. Segundo relatos, apesar das centenas de cabeça de gado criadas nas fazendas, os Xokó, praticamente, não se alimentavam com carne bovina, e o pouco recurso que conseguiam era investido na pequena criação de galinhas e porcos (no máximo um por família). Por sua vez, o peixe em relativa abundância no rio e nas lagoas era a base alimentar dos Xokó e ainda hoje os mais velhos se lembram dos bons tempos de cheia das lagoas que, apesar do controle dos proprietários de terra, forneciam um excedente fundamental para a manutenção das famílias.

Dona Maria José Rosa se lembra do tempo em que ia de madrugada pegar piaba na lagoa escondida dos fazendeiros. Ela conta que um dos capatazes da fazenda, quando pegava os caboclos pescando, fingia que não via por piedade, mas outros castigavam duramente.

O gado também era criado nos chamados “pastos de engorda” da Ilha de São Pedro que, antes da retomada, os Xokó frequentavam somente durante as romarias da Semana Santa quando iam da Caiçara até a igreja. Além disso, os Britos arrendavam a pequenos produtores de Pão de Açúcar, Ranquinho e Santiago lotes para o plantio do arroz, feijão, milho, abóbora e melancia. Nem sequer esses arrendamentos os Xokó tinham condições de pagar.





Tamarindeira que serviu de abrigo no período de ocupação da Faz. São Geraldo (Foto: Avelar Junior, 2014)



Índios acampados na Ilha em 1979  
Foto: Fábio Santos  
(Arquivo CIMI)

Foram essas e tantas outras condições de exploração somadas a processos mais amplos do movimento indígena nacional que levaram os Xokó a se organizar e retomar o território que era seu de direito e que atualmente compreende a Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro. O marco desse processo de reconquista territorial foi a ocupação da Ilha de São Pedro, no dia nove de setembro de 1978, quando os Xokó que viviam na Caiçara resolveram cercar a Ilha e montar acampamentos temporários na praça central da antiga missão. Apesar das intimidações, já em 1979, os Xokó decidiram transferir todas as famílias da Caiçara e do Belém para a Ilha de São Pedro, objetivando retomar seus 96 hectares.

*Quando a gente entrou aqui, entramos como agricultores, como posseiros. Sabíamos da história, mas o sindicato disse que era pra entrarmos logo como posseiros para ver o que o governo ia fazer. Manuel Oliveira, na época presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porto da Folha, sabia que o processo não era esse. Foi aí que veio através do professor Luiz Alberto, que trabalhava na Comissão Pró-Índio em Sergipe, que fez o levantamento aqui e levou até Brasília. De lá veio a antropóloga Delvair (Melatti) que fez a pesquisa e o levantamento da área toda, quando foi descoberto que aqui era uma área indígena e que tínhamos essa origem. (Seu Nenel, 59 anos)*

Nessa época, se destacaram como lideranças: Paulino, Antônio Acácio (pai de Nenel), Pedrito, Vadinho, Pedro de Doracília, Oliveira, Damião, Zuza, Girleno e Raimundo. Constantemente, alguns destes representantes eram intimados pelo Juiz de Porto da Folha a explicar os motivos da ocupação.



Cozinha ao lado da igreja, aonde os índios estavam morando em 1979  
(Foto: Fábio Santos (Arquivo CIMI))



Tamarineiro que abrigou os Xokó em 1979  
Foto: Fábio Santos (Arquivo CIMI)





1978

- Retomada da Ilha de São Pedro – organização da primeira ocupação no final desse ano. Lembranças de muita fome, violência e exploração no trabalho



1979

- Por quase um ano as famílias ficaram abrigadas sob árvores e na igreja. Posteriormente, muita destas famílias construíram suas casas próximas às árvores sob as quais ficaram abrigadas.

- Doação de mantimentos e manifestações de apoio à luta por parte de entidades religiosas, sindicatos rurais, pesquisadores e comunidades vizinhas.

- Primeiros estudos étnicos e levantamentos territoriais oficiais.

- O conflito se intensifica.

- O governador Augusto Franco declarou a desapropriação da terra em litígio da Ilha de São Pedro (Decreto nº 4530 de 07/12/1979), apesar de todo o processo de regularização ser concluído somente a 27 de julho de 1984.

- Período de forte seca.



1982

- Início da luta pela Caiçara com os Xokó fortalecidos pela reconquista da Ilha de São Pedro.
- Os Britos venderam lotes da Caiçara ao fazendeiro alagoano Jorge Pacheco que “comprou a briga com os caboclos”.



1984

- Regularização da Terra Indígena Caiçara/ Ilha de São Pedro.



1987

- Ocupação da Caiçara: iniciou-se cedo, quando Jorge Pacheco não se encontrava na fazenda. Pacificamente, os jagunços foram mandados embora.



1991

- Homologação da Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro (processos de desintrusão das demais fazendas até 2003)



2003

- Homologação de todo o território, concluída com a desintrusão da fazenda Marias Pretas.
- Revelação do cacique Bá, finalizando um ciclo de eleições para cacique.
- Em aproximadamente 20 anos de eleições foram estes os caciques, em ordem cronológica: Damião dos Santos, José Apolônio, Paulo Bezerra (Paulinho), Gírleno Clementino, Heleno Bezerra, João Batista e Jair Acácio.



1992

- Ocupação das fazendas São Geraldo e Surubim.

## Linha do Tempo



Por mais de um ano cerca de trinta famílias ficaram abrigadas na igreja, embaixo de lonas, quixabeiras, juazeiros e tamarineiros, contando com o apoio político e logístico de organizações religiosas, sindicais, universitárias, entre outras.

De acordo com dona Zezé, de 68 anos, as constantes ameaças dos pistoleiros exigiam cuidados até na retirada de água do rio Pequeno (braço do rio São Francisco). Mas, aos poucos, as famílias foram fazendo seus “ranchinhos de palha ou taipa” nas proximidades das árvores sob as quais ficaram abrigadas, por sinal, algumas aproveitando os alicerces de antigas casas da Missão. Dona Zezé também conta que logo no primeiro ano de retomada a “Terra da Missão” deu uma safra muito boa de milho, às margens rios grande (São Francisco) e pequeno (braço do rio São Francisco), onde até hoje estão as principais roças familiares. Ela se lembra emocionada dos esforços dos seus pais: “esse ano foi tanto milho pra quem nunca teve nada na vida que a conquista foi dançando toré e cantando um samba assim: ‘se a polícia vier, o que nós faz? Morre tudo na bala e ninguém sai’”.

Naquela época, o toré e o samba de coco eram expressões reprimidas pelos fazendeiros, como conta Seu Antônio D’ália (86 anos):

*Naquela época, nas plantações de arroz, as mulheres dançavam o toré nas lagoas, mas não dizendo que era caboca nem nada. Chamava-se “batalhão”, eram as cantigas do batalhão do arroz. Tudo molhado, mas nada de dizer que era caboclo, nem índio, nem nada. Era o divertimento. Também se sabia que tinha o Ouricuri, mas isso era no tempo dos velhos. Era no tempo de João Porfírio de Brito, o avô desses Britos.*

Hoje, os jovens Xokó são livres para se expressar, para dançar o samba de coco e o toré.

*O toré é importante porque é quando a gente se encontra com o nosso Deus, landerú. É onde a gente encontra forças para lutar dia a dia. É onde a gente pede força à Mãe Natureza, a landerú e a Orubá para lutar pelo melhor da nossa aldeia e o bem estar de todos.* (Joseane, 28 anos)

Logo após a retomada da Caiçara, o ritual do Ouricuri era realizado próximo ao rio, no pé da serra Surubim. Como os pescadores de outras localidades ouviam facilmente o ritual, decidiu-se transferir seu local para o interior da Caiçara, num ponto secreto da Caatinga. Devido à sua importância simbólica essa área é considerada pelos Xokó como prioritária em qualquer ação de proteção e conservação.



Os índios dançando o samba de coco em 1979  
Foto: Fábio Santos  
(Arquivo CIMI)

## Movimento de reconquista do território

O movimento de reconquista do território xokó começou com a ocupação da Ilha de São Pedro, em 1978, quando essa área servia unicamente de pasto para a família Brito.

Em 1991, os Xokó reconquistaram a fazenda Belém, no limite leste da TI (até então de posse da família Brito) e a Caiçara (área em frente à ilha de São Pedro). Em 1999, se deu a ocupação e desintrusão das fazendas São Geraldo e Surubim, na região mais a noroeste da TI; e por fim, em 2003, os Xokó reocuparam a área das Marias Pretas, na parte sul do território. Esta foi a última fazenda a ter sua desintrusão concluída, finalizando assim o processo de reocupação de toda a área. Estes locais até hoje guardam marcas deste período, como atestam as ruínas das antigas sedes destas fazendas (ver **Mapa 5 – O processo de reconquista das antigas fazendas**).

O **Mapa 5 – O processo de reconquista das antigas fazendas** mostra a ordem em que as antigas fazendas foram reconquistadas pelo povo Xokó através de setas que indicam os movimentos e o ano em que aconteceram e o **Mapa 6 – Mudanças na vegetação da Terra Indígena** mostra como a maneira diferenciada dos Xokó de lidarem com a terra resultou na regeneração da vegetação do território.



Ilha de São Pedro em 1981 (Jairo Andrade, 1981/ Arquivo Museu do Homem Sergipano/UFS)





Mapa 5 – O processo de reconquista das antigas fazendas



Legenda

- POVOAMENTO DA ILHA DE SÃO PEDRO
- Alto -> Ilha de São Pedro
  - Caiçara -> Ilha de São Pedro
  - Belém -> Ilha de São Pedro
- ANO DE RECONQUISTA
- 1991
  - 1999
  - 2003

- Divisão fundiária à época da reconquista
- Rio e lagoas
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

Fontes:

ARRUTI, José Mauricio. Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.  
Fundo: Geocover, mosaico de imagens Landsat 7 (2000)  
Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000



E a terra se recupera...

A partir do momento em que os Xokó recuperam seu território e os fazendeiros saem definitivamente, a terra começa a sentir a diferença no tratamento com ela. Quando os Xokó retomaram as fazendas o ambiente encontrava-se bastante degradado devido à exploração intensa ao longo de quatro séculos, principalmente pelos fazendeiros que desmataram grandes áreas para fazer pastagens de gado e cultivos de arroz. Após cerca de 30 anos de retomada e reocupação dos Xokó à área, percebe-se que boa parte das áreas antes desmatadas, atualmente, encontra-se com vegetação em estado de regeneração.

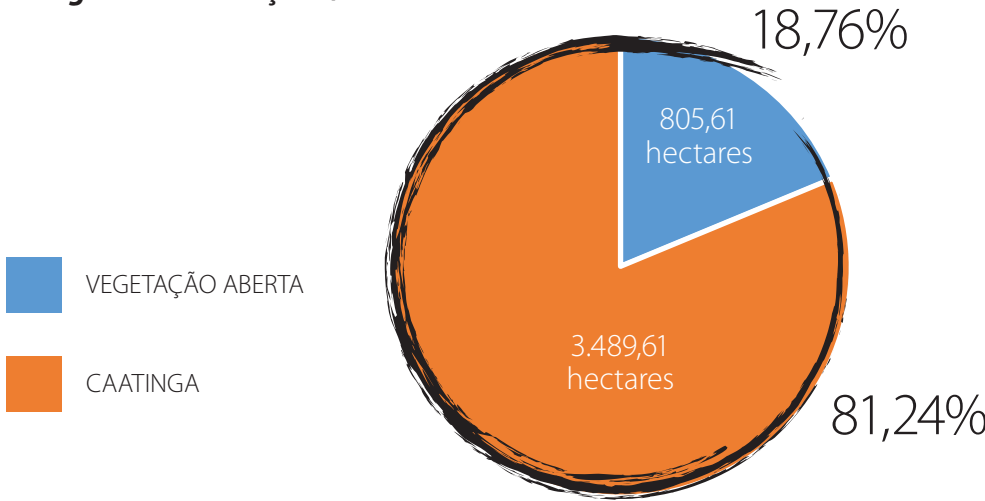
No mapa de mudança da vegetação, ao comparar a cobertura vegetal na Terra Indígena na década de 80 com as informações atuais, percebe-se que com a retomada da posse da terra pelos indígenas houve uma recuperação de grande parte da vegetação, com ênfase na transformação de grandes áreas de pasto em áreas de recuperação de mata (ver **Mapa 6 – Mudanças na vegetação da Terra Indígena**). Isso porque os vínculos dos Xokó com o território resultam em outras formas de utilização da terra para sua sobrevivência, ligadas a questões de bem viver e aspectos culturais e religiosos, diferentes da exploração das monoculturas em larga escala para obtenção de lucro.

Ao se observar as imagens de satélite de diferentes anos dessa região, percebe-se efeito semelhante nas áreas vizinhas que possuem alguma forma coletiva de organização social, como é o caso das comunidades quilombola do Mocambo e do assentamento Vitória do São Francisco (ver: **Mapa 7 – Imagem de satélite 1985; Mapa 8 – Imagem de satélite 2000; Mapa 9 – Imagem de satélite 2011**). Em todas elas nota-se um aumento da cobertura vegetal nas imagens atuais, quando comparadas com as imagens da década de 80.

“Mata, vocês só vão ver na área dos quilombolas (Mocambo), aqui na terra indígena e nessa terra do movimento sem-terra (Assentamento Vitória do São Francisco). Onde tem mata é onde tem os pobres com ela. (...). O rico passa o trator de esteira e acaba logo tudo”. (Lucimário Apolônio Lima, cacique Bá, 33 anos)

Como resultado desse modo dos Xokó de viver em seu território, a Terra Indígena Caiçara/ Ilha de São Pedro hoje se encontra com a maior parte de sua área (81%) com a vegetação nativa em processos avançados de regeneração, conforme podemos ver no mapa de vegetação a seguir e no gráfico abaixo:

Cobertura vegetal da TI Caiçara /Ilha de São Pedro





Mapa 6 – Mudanças na vegetação da Terra Indígena

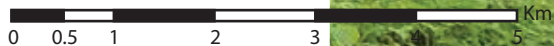


Legenda

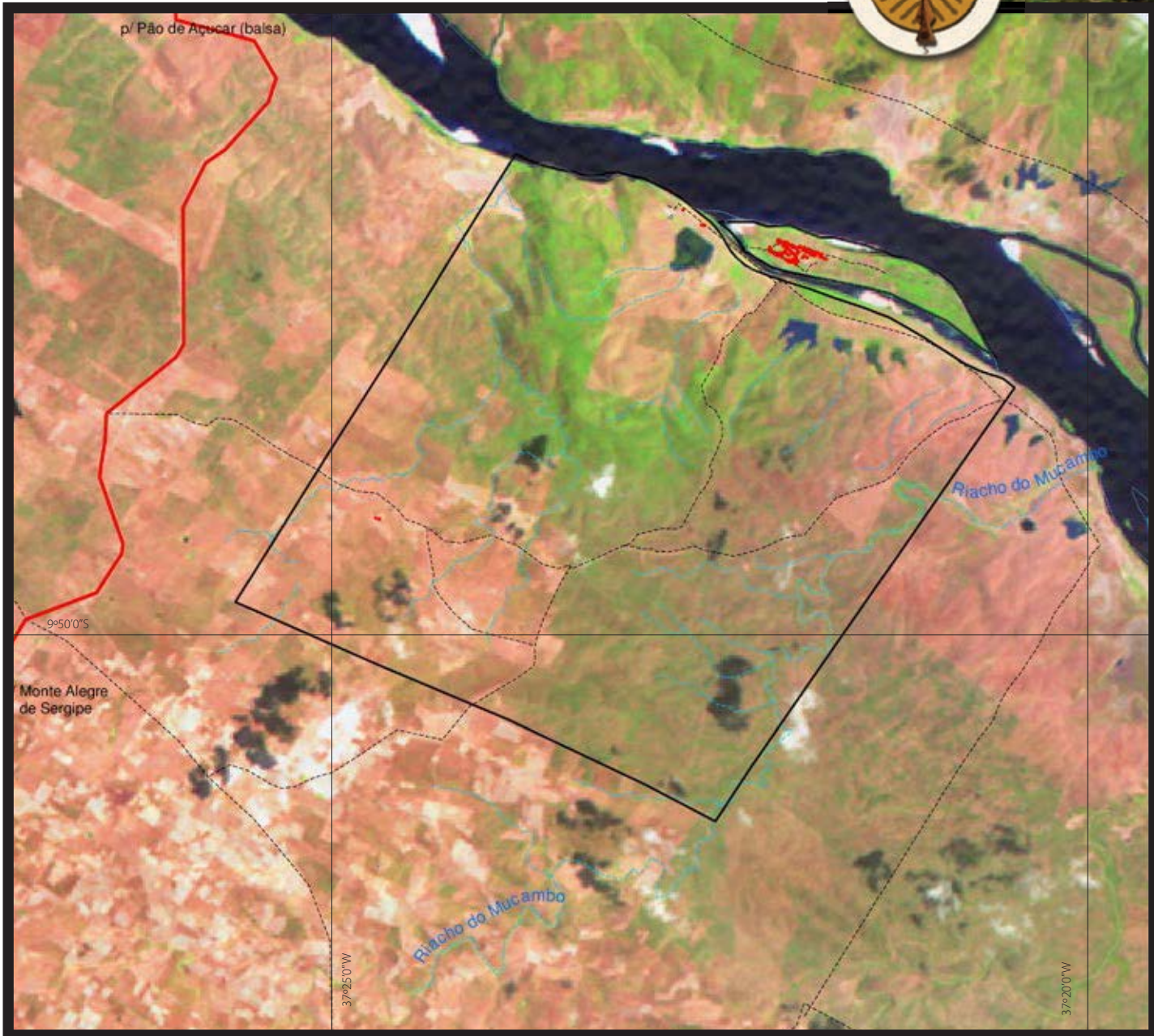
- Aldeia
- ALTERAÇÕES 1986-2011
- Área aberta se tornou Caatinga
- Área aberta em regeneração
- Caatinga se tornou área aberta
- Área em regeneração se tornou área aberta
- Área em regeneração se tornou Caatinga
- Corpo d'água se tornou área aberta
- Corpo d'água se tornou área de vegetação pioneira
- VEGETAÇÃO NA TERRA INDÍGENA + FAIXA DE 1 KM
- Área aberta
- Caatinga
- Vegetação pioneira
- Vegetação em regeneração
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada
- Área aberta
- VEGETAÇÃO DE CAATINGA
- VEGETAÇÃO PIONEIRA
- VEGETAÇÃO EM REGENERAÇÃO
- VEGETAÇÃO REGIONAL
- Roça e pecuária
- Caatinga
- Caatinga de serras
- Formações pioneiras
- Área urbana
- Represas, lagos e rios

Fontes:

Imagens de satélite Landsat 1984, India Resources Sat 2013 e Digital Globe  
Fundo vegetação (probio 2002)  
Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000



Mapa 7 – Imagem de satélite 1985

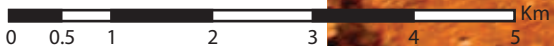


Legenda

- Habitações
- Aldeia
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

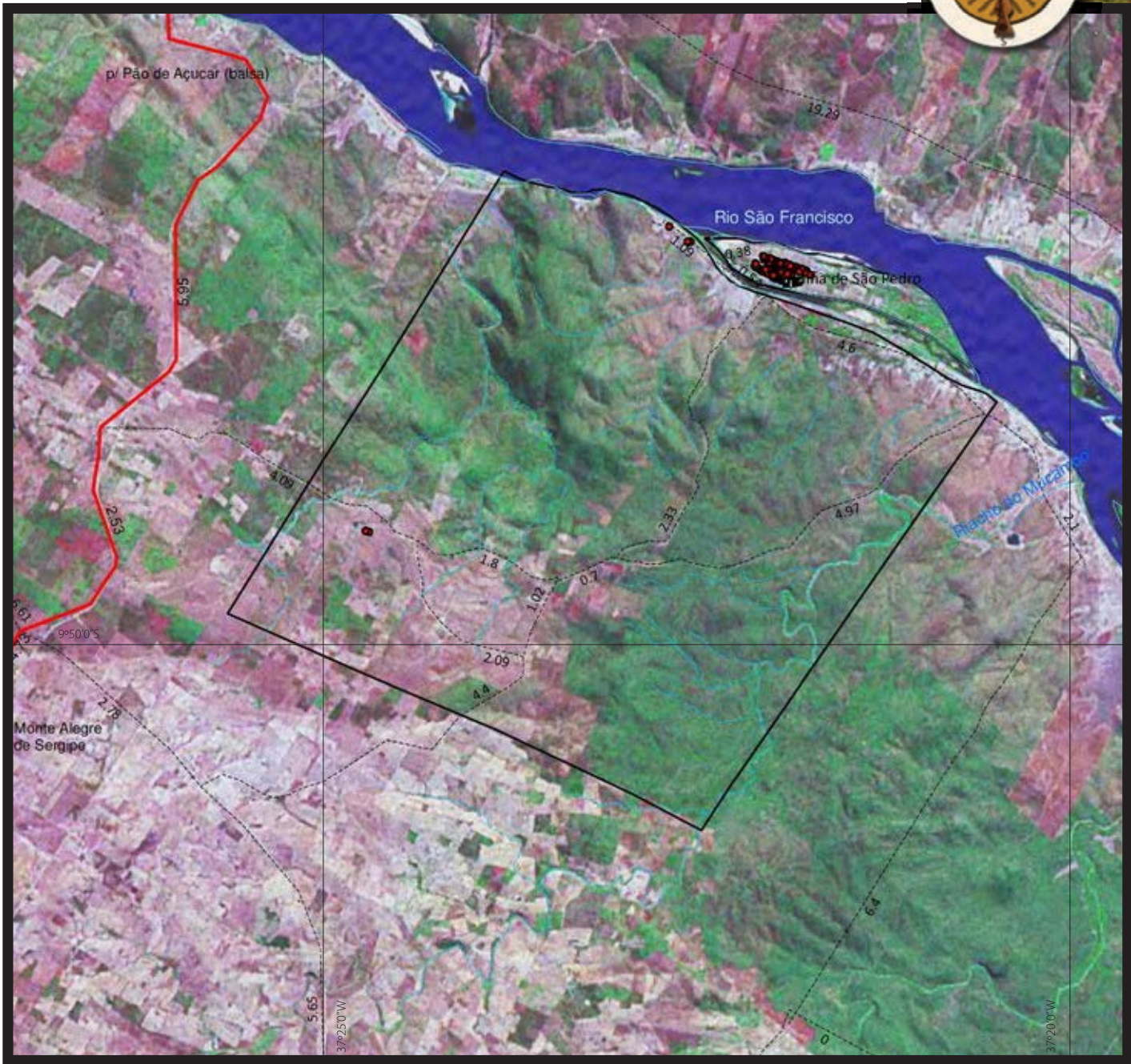
Fontes:

Fundo: imagem de satélite Landsat de 27 de novembro de 1985 órbita-ponto 215-67  
Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000





Mapa 8 – Imagem de satélite 2000

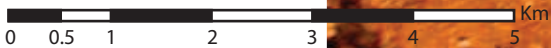


Legenda

- Habitacões
- Aldeia
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

Fontes:

SIASI/ SESAI 2012  
Fundo: Geocover, mosaico de imagens de satélite  
Landsat 7 ano 2000 24 05S, 24 10S  
Topodata quad.8S375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000



Mapa 9 – Imagem de satélite 2011

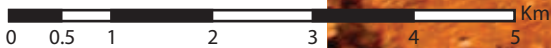


Legenda

- Habitacões
- Aldeia
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

Fontes:

SIASI/ SESAI 2012  
Fundo: imagem de satélite India Resourcesat de 3 de abril de 2011 órbita-ponto 337-83  
Topodata quad.8S375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000







Mudas de cralbeira - viveiro da escola  
(Foto: Emaklin Xokó, 2015)

Apiário - Projeto GATI  
(Foto: Avelar Junior, 2014)

Sementes coletadas na mata da Caiçara  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



Produção de mudas no viveiro da escola  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



## Como vivem os Xokó hoje

*“Hoje é que nós devíamos trabalhar porque o que você tem é seu! Mas naquele tempo a gente trabalhava pros grandes. Trabalhava pra morrer!”.* (Antônio Clementino de Melo, “Antônio D’ália”, 87 anos)

A concentração das moradias na região da Ilha e na Caiçara às margens do São Francisco faz com que as áreas de uso e particularmente de cultivo também se concentrem nas proximidades das residências, nas áreas de influência do rio São Francisco. Além dessas regiões, mais densamente ocupadas há ainda algumas poucas roças de famílias que vivem na região das Marias Pretas e nas áreas mais ao sul da Terra Indígena. Na mesma região também são encontradas áreas de pasto para criação de gado, seja de vacas leiteiras ou gado de corte.

A pesca já foi no passado de grande abundância e da maior importância para a sobrevivência na região por conta do domínio dos fazendeiros que impediam os Xokó de plantar e colher livremente. Hoje, devido à degradação do rio São Francisco, os pescadores não encontram a mesma fartura de antes. Antigamente também se pescava nas lagoas do território quando elas enchiam e se plantava arroz na vazante, mas após a construção das barragens do rio São Francisco, em especial a Usina Hidroelétrica de Xingó, as lagoas passaram a ter água com menos frequência, pois não contam mais com o ritmo natural de inundação do rio para enchê-las e repovoá-las de peixes. Atualmente, essas áreas estão totalmente secas e são utilizadas principalmente para o plantio de milho.

**Ver Mapa 10 – Uso de recursos; Mapa 11 – Destaque Ilha de São Pedro; Mapa 12 – Destaque Fazenda Marias Pretas e região; Mapa 13 – Destaque Caiçara, Surubim e São Geraldo.**

Além da agricultura, da criação de gado e da pesca, alguns xokós plantam hortaliças e fruteiras nas proximidades das casas, prestam serviços e trabalham na escola e posto de saúde da aldeia. Quase tudo acontece na Ilha de São Pedro.

Recentemente um grupo de jovens tem se dedicado à apicultura, com apoio do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena – GATI e da Funai. Essa atividade tem sido realizada em uma área na Ilha de São Pedro, localizada em sua extremidade leste. Outro grupo de jovens tem se dedicado à gestão de projetos ambientais através das associações indígenas locais. Um exemplo é o viveiro de mudas didático instalado recentemente na escola da aldeia através de um projeto aprovado pela Associação de Mulheres Indígenas Xokó, também com recurso do Projeto GATI.

Outros parceiros do povo Xokó como o Projeto Dom Helder Câmara vem apoiando a instalação de hortas e pomares irrigados e galinheiros nos quintais. Enquanto o Senac investe em infra estrutura e formação em corte e costura para um grupo de jovens da aldeia. A Organização não Governamental Movimento Minha Terra presta assistência técnica na produção de mudas e ações de reflorestamento.



Pescador lança sua tarrafa na Lagoa Grande da Caiçara no período de cheia, em 2003 (Foto: Avelar Junior, 2003)

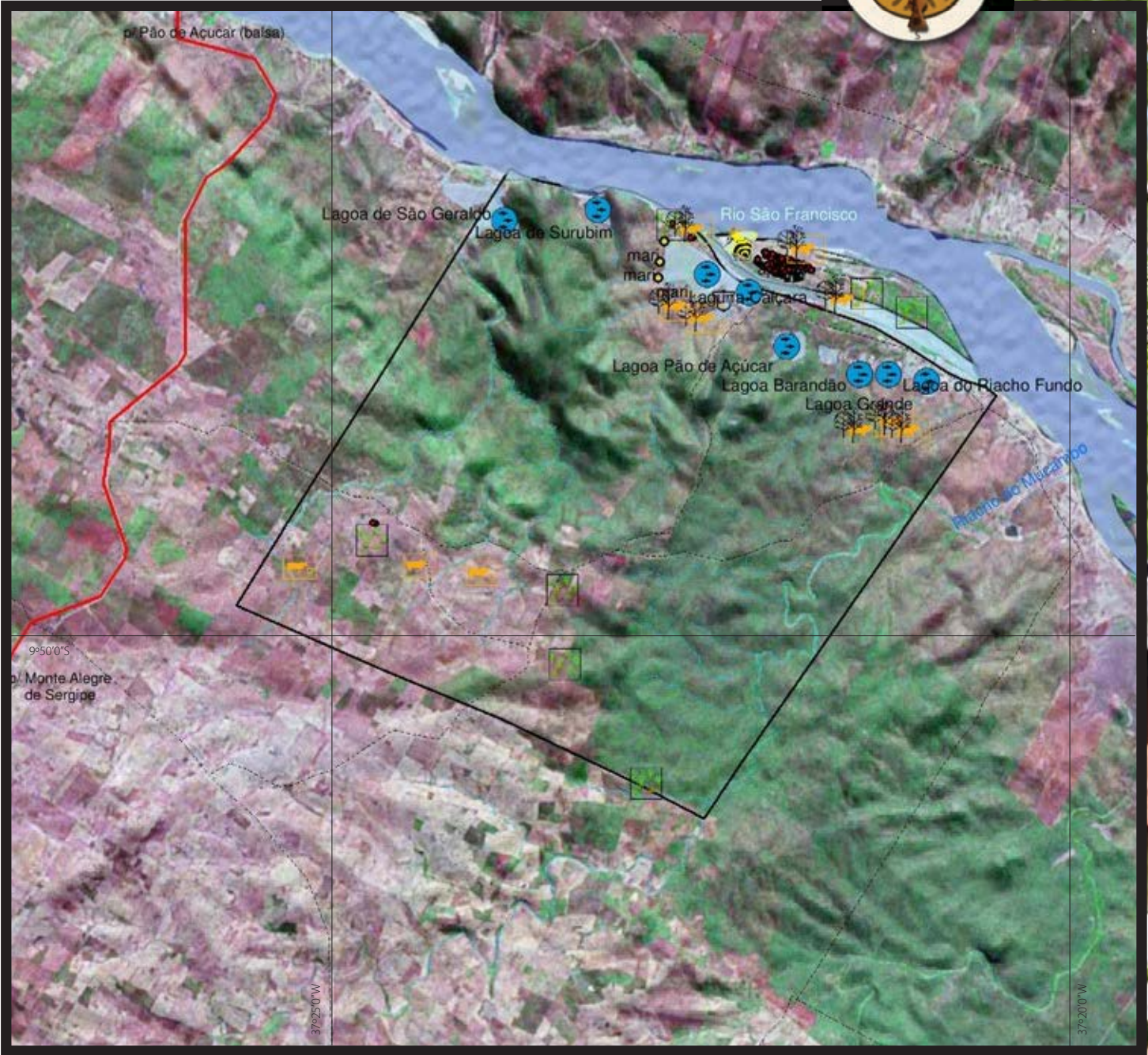
Lagoa Grande da Caiçara, em 2014, seca, sendo usada para o plantio de milho (Foto: Avelar Junior, 2014)







Mapa 10 – Uso de recursos



Legenda

- Criação de abelhas
- Lagoas usadas para pesca
- Roças
- Pastagem
- Pastagem na Caatinga
- Barreiro
- Coleta vegetal
- Habitações
- Rio e lagoas
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

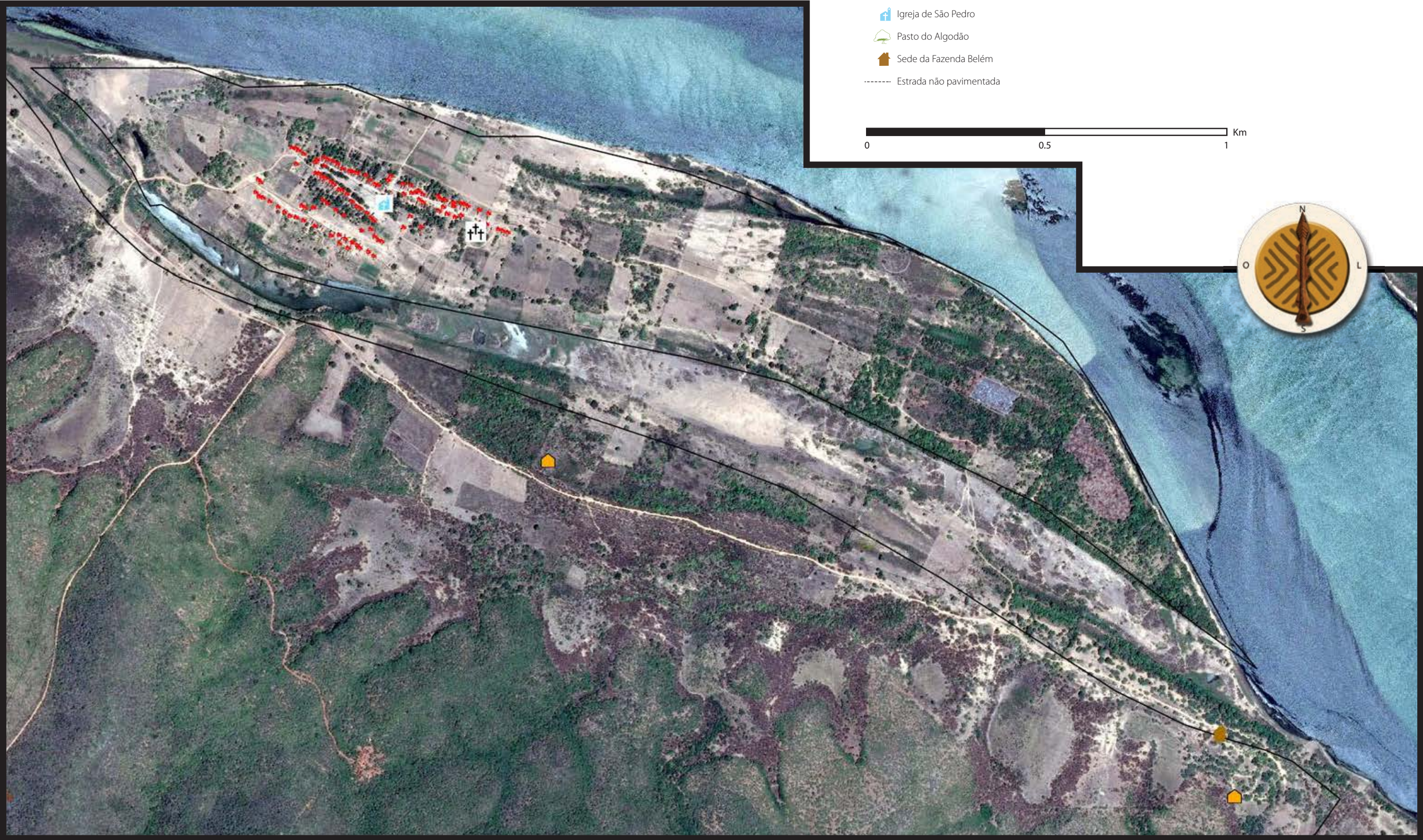
Fontes:

Fundo: Geocover, mosaico de imagens Landsat 7 (2000)  
Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000





Mapa 11 – Destaque Ilha de São Pedro



**Fontes:**

Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000



Mapa 12 – Destaque Fazenda  
Marias Pretas e região

Fontes:

Fundo: Imagem de alta resolução Astrium 12 de setembro de 2013  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000

Legenda

- Habitacões
- Aparecida
- Baixada
- Divisa
- Entroncamento

- Imburana
- Riacho na divisa
- Sede da Fazenda
- Estrada não pavimentada







Mapa 13 – Destaque Caiçara, Surubim e São Geraldo



Legenda

-  Habitações
-  Antiga sede de fazenda
-  Local sagrado
-  Riachos temporários

Fontes:

Fundo: Imagem de alta resolução Astrium 12 de setembro de 2013  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000







Coleta de barro para produção de cerâmica.  
Foto: Avelar Junior, 2014.

### **Louceiras**

A produção cerâmica já foi uma das principais fontes de renda da comunidade, todas as mulheres trabalhavam nesse ofício, mas no presente se usam potes de barro apenas nos rituais ou se comercializam pequenos lotes previamente encomendados ou para serem vendidos em viagens. Os barreiros cada vez mais profundos continuam sendo os mesmos para as retiradas do barro vermelho e amarelo.

Atualmente a cerâmica é praticada por apenas três anciãs da aldeia: Dadinha, Célia e Creuza, e uma jovem, Joseane, neta de Dadinha, que vem repassando a arte para alunos da escola através de aulas de artesanato.

A retirada de barro para a produção de cerâmica é feita na Caiçara.



### **Moradias**

Os Xokó já viveram em casas de taipa e até mesmo debaixo de pés de árvores, durante a luta pela reconquista da terra. Atualmente vivem nas antigas casas do aldeamento, em casas de alvenaria construídas pelas próprias famílias e nas novas casas adquiridas através do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), promovido pela Caixa Econômica e o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Em 2011, os Xokó foram os primeiros indígenas brasileiros a receber 50 casas rurais em aldeias pelo programa. Em 2015, foram entregues mais 62 habitações, preferencialmente, segundo lideranças, para os que moram em casa de taipa, os jovens casais que ainda moram com os pais e os que já se encaminham para o casamento. Apesar dos benefícios os jovens que participaram das oficinas alertaram sobre os cuidados que devem ser adotados na construção e distribuição das casas, considerando desde as possíveis mudanças nas relações familiares aos impactos ambientais produzidos com o aumento da carga de resíduos sólidos e aumento de efluentes domésticos, sendo necessário avaliar as condições de saneamento e de infraestrutura de cada local.



Construção de casas do  
Programa Nacional de  
Habitação Rural  
Foto: Avelar Junior, 2014





## Saúde

Para os Xokó apesar da importância das ações da Unidade Básica de Saúde e de políticas públicas voltadas para a assistência à saúde indígena, as condições de saúde e bem estar da comunidade não devem depender apenas disso, mas acreditam que a vida saudável também está sujeita à manutenção dos saberes e práticas tradicionais que orientam os usos de ervas medicinais e práticas de proteção e conservação do meio ambiente. Para isso é necessário promover o consumo de alimentos saudáveis e naturais, inclusive, repensando os atuais modos de consumo em geral. Além disso, o bem estar da comunidade depende da limpeza e cuidado dos espaços públicos e privados.

As plantas medicinais da mata ou dos quintais servem para combater os mais diversos problemas de saúde.

## Educação Escolar

O Colégio Indígena Dom José Brandão e Castro, através do Programa Mais Educação do Governo Federal mantém uma monitora de artesanato, Joseane Acácio dos Santos e um monitor de horta e viveiro, Franklin Melo.

Os monitores contribuem com o Projeto Valorizando as Raízes Xokó e Farmácia Viva na Escola. Nas aulas de artesanato, os alunos aprendem técnicas de cerâmica, produção de colares, arcos, flechas, bordunas e outras peças da cultura do povo Xokó. Essas peças ficam em exposição na escola e são vendidas na época da Festa da Retomada em setembro.

O Projeto Farmácia Viva na Escola promove, desde 2009, a produção e comercialização de sabonetes, xampus, xaropes e lambedores produzidos com folhas, frutos, amêndoas, sementes e raízes de plantas cultivadas na escola, nos quintais ou coletadas nas matas. As ervas cultivadas na escola foram sugeridas pelo pajé com base na sua importância medicinal. Além das plantas medicinais também são cultivadas ervas aromáticas para a produção de sabonetes artesanais, tais como a aroeira, a alfavaca e o capim santo.

Para que esse projeto tenha maior alcance, os Xokó acreditam ser necessário divulga-lo mais amplamente entre os moradores da aldeia, visitantes e possíveis consumidores de outras localidades.

*“Não dá pra falar em escola indígena sem se falar em horta, em artesanato, em ervas”.* (Nadja Naria da Silva Rodrigues, diretora da escola)

Recentemente foi construído na escola, um viveiro didático através de uma parceria com a Associação de Mulheres Indígenas Xokó com recurso do edital PPP GATI com o objetivo de contribuir com a educação ambiental dos jovens indígenas.

O viveiro é uma sala de aula ao ar livre ao lado da horta e da farmácia viva. Nele estão sendo produzidas mudas de árvores como: craibeira, juazeiro, pereiro, mulungu, aroreira, catingueira, umbuzeiro, jenipapo, nim, marizeira, pata de boi, carnaúba, goiabeira, mamoeiro, jaqueira, cajueiro, pinheira e parreira.

Fotos: Franklin Xokó, 2015.





## Agricultura, pesca e pecuária

*“O uso da terra tá sendo mais no sentido do gado e na plantação de milho. Feijão já não planta muito porque ele é muito melindroso. Chuva demais já não dá. O sol só aumenta. Tudo tem que ser no limite, e numa região dessa, pra investir, por exemplo, no milho ou feijão é complicado. O nosso objetivo é que essa terra garanta o futuro de todas as gerações, se eles quiserem assim viver dela, né? Cada um tem o seu direito de escolher de que forma quer viver, mas eu acho que a gente tem como tirar do que sobreviver dessa própria terra, a criação de boi e vaca é um exemplo disso”. (Lucimário Apolônio, cacique Bá, 33 anos)*

As roças, a pescaria e a criação de animais são as atividades mais importantes na vida das famílias xokó. Fazendo de tudo um pouco, de acordo com as estações, as famílias garantem sua segurança alimentar e o excedente para a comercialização. O leite e os peixes são vendidos entre os próprios Xokó e a produção de roça e quintais é levada para a feira da cidade de Pão de Açúcar do outro lado do rio. Os compradores gostam dos produtos da Ilha porque sabem que são livres de venenos.

Nas roças, no período das trovoadas (geralmente de maio a julho) as famílias cultivam mandioca, macaxeira, milho, feijão e também abóbora, melancia, cana, banana e algumas outras fruteiras. Além disso, é muito comum plantarem capim e palma para alimentar a criação e vender para os vizinhos. O clima semiárido da região e as mudanças dos últimos anos tem trazido insegurança com relação à colheita devido à escassez e irregularidade das chuvas, por isso é preciso diversificar.

O trabalho na terra é guiado pelas fases da lua, principalmente os mais velhos não deixam de cumprir esse calendário. Macaxeira só se planta dois dias depois da lua nova. Madeira só se corta em noite de escuro. Conhecimentos valiosos que são passados de geração em geração.

As frutas dos quintais são a manga, a acerola, a goiaba, a pinha, o coco e muitos agora também tem noni, uma fruta que trouxeram de fora e dizem ter muitos princípios medicinais. No tempo da manga, a produção é tanta que os congeladores ficam cheios de polpa de manga, muito se vende na feira de Pão de Açúcar e muito é doado para os vizinhos que já conhecendo a fama das mangueiras da Ilha de São Pedro aparecem todos os dias para pedir alguns sacos de frutos. Além das fruteiras, nos quintais há plantas medicinais e hortaliças e as famílias criam algumas galinhas e porcos apenas para o consumo.

O gado é criado solto na Caiçara, na área de mata ou próximo às lagoas, de forma que não são desmatadas áreas para a implantação de pastagens. Durante os períodos de seca, o gado é retido em pequenos currais e alimentado com farelo de milho, capim e palma produzidos nas roças.

A criação de vacas e bois é importante na geração de renda seja através da comercialização de animais ou de leite. Além disso, o gado trabalha no transporte da produção agrícola. Os cavalos, além de contribuir no transporte das pessoas, embora venham sendo substituídos por motocicletas, também são comercializados, principalmente, para corredores de vaquejada de toda a região.

A pescaria tradicionalmente acontecia no rio e nas lagoas. Hoje as lagoas estão secas e os peixes do rio estão escassos, mesmo assim praticamente toda casa da aldeia tem um pescador.

Os pescadores contam que atualmente entre os peixes mais encontrados estão os vários tipos de piaba e o piau nativos do rio e o tucunaré e a tilápia que são peixes trazidos de fora. O tucunaré é conhecido por comer os filhotes de peixes nativos do rio São Francisco.

Fotos: Avelar Junior, 2014





Alguns tipos de peixe são tão difíceis de encontrar que são considerados extintos pelos pescadores como: o bambá (ou chira), o mandim, o tubi, o capadinho, o surubim, o pirá, o aragu e o pilombeta que entrava pela barra do mar e subia o rio quando ele enchia. Outros peixes difíceis de encontrar são niquim, tubarana (conhecido em outros lugares como dourada), cumbá, sarapó, porró, camurupim, lambiá, sardinha e pirarucu. O pitu, camarão de água doce, também está cada dia mais escasso das águas do São Francisco.

Os pescadores associam o desaparecimento dos peixes à construção da Usina Hidroelétrica de Xingó. Com o assoreamento do rio, os pescadores têm de procurar áreas de pesca em pontos onde o rio é mais profundo, e assim acabam indo para locais cada vez mais distantes da Ilha de São Pedro.

Ainda assim, há épocas do ano em que a pescaria melhora: o período das trovoadas. E independente de quanto consigam trazer da pescaria, os pescadores sempre têm compradores fieis que são os próprios moradores da Ilha de São Pedro.

PEIXES DO RIO SÃO FRANCISCO:

Niquim, tubarana, bambá (ou chira), mandim, tubi, capadinho, surubim, pirá, aragu, pilombeta, vários tipos de piaba, tucunaré, piá-cutia, traíra, chulapa, cará-dourado, pacu, piranha, piramboba, robalo, cari, caboje, lambiá, piauí-branco, aragu, cumbá, sarapó, porró, camurupim, lambiá, sardinha e pirarucu.



O rio São Francisco e as lagoas

“Quando o rio enchia por conta da natureza, nós sabíamos o período de ele encher. Nós já tínhamos aquilo na mente, com a ciência da gente dizia assim: ‘vamos cuidar de tirar o arroz (das lagoas) que de setembro a outubro o rio vai encher’. E tinha o período dele voltar: “vamos aproveitar que o rio vai começar a vaziar, aproveitar a lama plantar o arroz, o milho”. Mas hoje eles são eles quem controla. A água tá lá encima, agora pra cá tá se acabando. O peixe se acabou, antes a hora que fosse para o rio pegava peixe. E quando pescava no rio não tinha partilha com ninguém (referindo-se aos fazendeiros), só com Deus, com a natureza”. (Seu Nenel, 59 anos)

O rio São Francisco é um elemento central na vida, história e cultura dos Xokó, assim como de boa parte dos povos indígenas e comunidades que habitam as suas margens. Sua importância como via de transporte, fonte de pesca e fertilidade dos solos de suas várzeas, antes alagadas periodicamente, é marcante no dia-a-dia dos povos indígenas e não indígenas desta região. Para os Xokó teve importância ainda maior durante o período anterior à demarcação, quando impedidos de trabalhar a terra com a agricultura, sobreviviam basicamente da pesca em suas águas. Contudo, com o desmatamento das matas ciliares e a instalação de sucessivas barragens ao longo de seu curso, a paisagem do rio e suas comunidades vem sendo profundamente modificadas.

Os mais velhos se lembram do tempo em que o rio seguia o seu rumo natural sem ser contido por barragens. Os ritmos de plantio e pescaria eram determinados pelos tempos da natureza e as estações do ano eram marcadas por momentos de cheia, vazante e seca. Agora as cheias e as secas são determinadas pela abertura das comportas da barragem da Usina Hidrelétrica Xingó e não possui uma periodicidade definida.

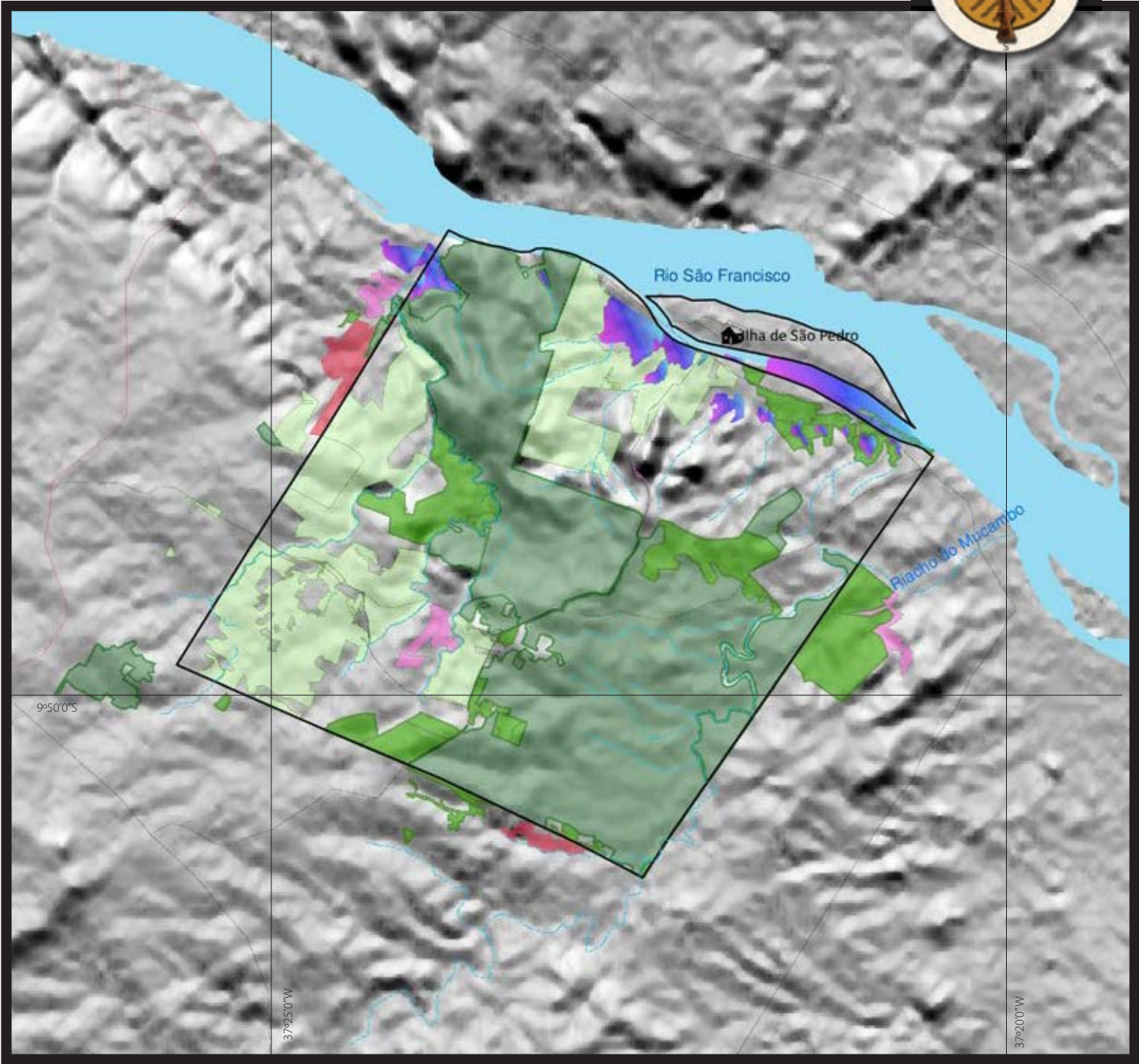
Abaixo da barragem o rio está enfraquecido e é visível o assoreamento de seu curso e o surgimento de croas de areia em seu leito. Esses impactos têm grande influência na vida dos Xokó, causando implicações na forma de uso do rio e de áreas no interior da terra indígena também. A cheia do rio abastecia também as lagoas às suas margens. No território do povo Xokó, lagoas como a de Pão de Açúcar, do Carrinho, da Caiçara (na antiga fazenda Belém), Surubim (na antiga fazenda Surubim) e São Geraldo (na antiga fazenda São Geraldo), antes utilizadas para pesca e cultivo de arroz, hoje, estão todas secas.

A última cheia da lagoa Caiçara ocorreu em 2008, possivelmente, quando a Companhia Hidro-elétrica do São Francisco (Chesf), abriu parte das comportas do reservatório de Xingó, aumentando de forma abrupta o volume de água do baixo São Francisco. Ela permaneceu com água até 2010, quando secou novamente e desde então não voltou a encher.

(2) A bacia hidrográfica do rio São Francisco é a terceira maior do Brasil. Seu rio principal nasce no município de São Roque de Minas (MG), passando pela Bahia, percorrendo sua divisa ao norte com Pernambuco, e também fazendo a divisa natural dos estados de Sergipe e Alagoas, por fim, desaguando no oceano Atlântico após um percurso de 2.830 km de extensão. Toda a sua rede hidrográfica drena uma área de aproximadamente 641.000 km².



Mapa 14 – Mudanças na vegetação da Terra Indígena: desaparecimento das lagoas

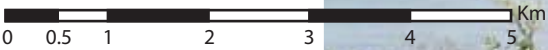


Legenda

- Aldeia
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada
- Era Caatinga em 1985 -> São roças e pastos em 2014
- Era vegetação em regeneração em 1985 -> São roças e pastos em 2014
- Eram roças e pastos em 1985 -> É Caatinga em 2014
- Era vegetação em regeneração em 1985 -> É Caatinga em 2014
- Era água em 1985 -> É vegetação pioneira em 2014
- Era área aberta em 1985 -> É vegetação em regeneração em 2014

Fontes:

Imagens de satélite Landsat 1984, India Resources Sat 2013 e Digital Globe  
Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000



Através do **Mapa 14 – Mudanças na vegetação da Terra Indígena: desaparecimento das lagoas** identificamos dez lagoas maiores que existiam em 1985 e em 2014 apresentam vegetação pioneira em seu lugar. São elas: Lagoa de São Geraldo (na antiga fazenda São Geraldo), Lagoa de Surubim (na antiga fazenda Surubim), Lagoa Grande da Caiçara (na antiga fazenda Caiçara), Lagoa do Carrinho, Lagoa do Marinho, Lagoa de Pão de Açúcar, Lagoa do Capote, Lagoa do Brandão, Riacho Fundo e Lagoa Grande do Belém (todas elas na antiga fazenda Belém). E ainda existem duas lagoas menores que não são visíveis no mapa a Lagoinha e a Lagoa de Ambero.

O rio São Francisco é a principal ligação entre os moradores da Ilha de São Pedro e inúmeras localidades vizinhas e povoados com quem mantém relações de parentesco, amizade e trocas econômicas, como: Espinho, Santiago, Limoeiro e Belo Monte, em Alagoas, e Quilombo do Mocambo, em Sergipe. A sede do município de Pão de Açúcar, em Alagoas, distante cerca de 8 km subindo o rio, há muito, tem sido frequentada pelos Xokó onde vão para comercializar seus produtos na feira livre, para dar continuidade à formação educacional (nível médio e graduação), resolver problemas de saúde, participar de festas, entre outras necessidades cotidianas que dinamizam uma extensa rede de relações sociais e espaciais. Com o surgimento das croas de areia no leito do rio, o trajeto e a duração das viagens de barco tem aumentado, pois é preciso desviar das croas. Isso também tem ocasionado a substituição das embarcações maiores por pequenas lanchas ou barcos à vela com capacidade reduzida de passageiros.

A redução da velocidade das correntes do rio e o excesso de nutrientes na água, como fósforo e nitrogênio, provenientes de esgoto doméstico tem provocado um aumento da população de algas, reduzindo os níveis de oxigenação da água. Por conseguinte, observa-se a progressiva morte e decomposição de muitos organismos, assim, diminuindo a qualidade da água e alterando drasticamente os ecossistemas fluviais.

Rio São Francisco (Foto: Avelar Junior, 2014)





## A mata da Caiçara

“Antes de retirar algo da mata, a gente reza e pede licença à Mãe Natureza. Cada um faz do seu jeito. Quanto mais a gente vai se aprofundando na cultura, a gente tem sonhos e visões, algo vem e ensina a gente como cuidar e viver com a natureza”. (Joseane Acácio, 28 anos)

Nas ações de cuidado com o território as matas têm grande importância para os Xokó. A Caiçara é considerada a “Reserva” do território, onde a Caatinga vem se recuperando e dela se tira apenas o necessário para o uso do povo Xokó.

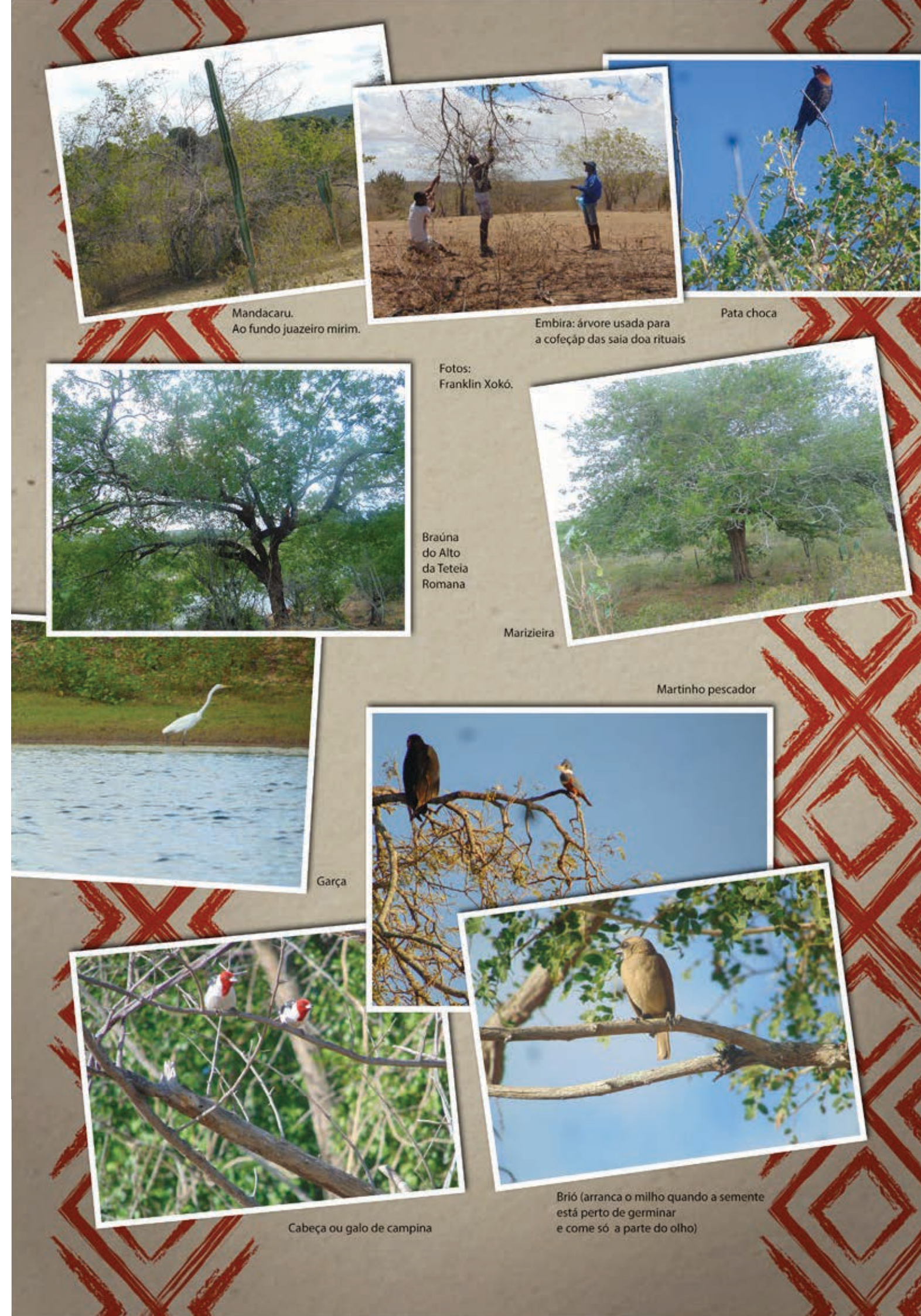
É na mata, onde os Xokó fazem o ritual do Ouricuri e onde encontram os remédios do mato: raízes, cascas e outras partes de plantas utilizadas na medicina tradicional. Da mata retiram a embira cuja entre-casca é usada para a confecção de saias e cocares; o jenipapo, cujo fruto usa-se nas pinturas corporais; e o angico, madeira usada na fabricação de bordunas, lanças, arcos e flechas. Os Xokó também usam penas de aves como a garça, o gavião, o carcará e o corujão para confecção de tiaras e cocares.

Os Xokó se alegram ao ver a vegetação se recuperando, mas lamentam o desaparecimento de algumas espécies. Segundo os mais velhos, os fazendeiros acabaram com o cedro, madeira de lei usada nas construções das casas. O grupo de viveiristas tem a intenção de reproduzir o cedro no viveiro didático da escola e assim repovoar a Caiçara com essa árvore.

As árvores da Ilha e da beira do rio são diferentes das árvores que se encontram dentro da mata. Na Ilha de São Pedro predominam o juazeiro e a quixabeira e também a jurema preta. Nas serras predominam a catingueira e o pereiro, mas também se encontram árvores como angico, umburana-de-cambão e umburana-de-cheiro, braúna, aroeira e barriguda. Além dos paus de espinho ou cactos como o facheiro e o mandacaru.



Rio São Francisco (Foto: Franklin Xokó, 2015)





Às margens do rio, na Caiçara e no Belém há árvores como o mulungu, jenipapo, craibeira, folha-miúda, marizeira, pipeira, ingazeira, goitizeiro, araçá, entre outras. Os mais velhos se lembram, que na seca de 70, comeram muito fruto de marizeira para não passar fome. Antigamente também comiam a fruta da pipeira, mas hoje isso é menos comum.

Os Xokó retiram madeira apenas para as cercas dos roçados, respeitando um ciclo de manutenção que dura em torno de dois anos. Para uso como lenha são recolhidas somente as madeiras secas ou as encontradas já caídas.

A abundância de recursos madeireiros em meio à escassez das fazendas vizinhas faz da Caiçara alvo de invasores para a retirada de madeira. As espécies mais procuradas são: catingueira, pereiro, angico, aroeira, baraúna, mororó, entre outras. Além da madeira, pessoas de fora também invadem o território para caçar animais como: veado, peba, camaleão, teiú, preá (bengo), tamanduá, mocó, capivara. Além dos animais de caça existem na Caiçara inúmeras outras espécies animais, inclusive o gato do mato.

Mesmo mantendo grande parte do território com suas matas em recuperação, a embira e o angico estão ficando escassos. Antes das saias xokós serem confeccionadas de embira se usava a palha da carnaúba e do coqueiro, porém, a durabilidade da embira agregou-lhe maior valorização. O aumento da procura pela embira e as invasões para retirada de madeira podem estar contribuindo para a diminuição dela na Caiçara.

Lugares de memória e cultura

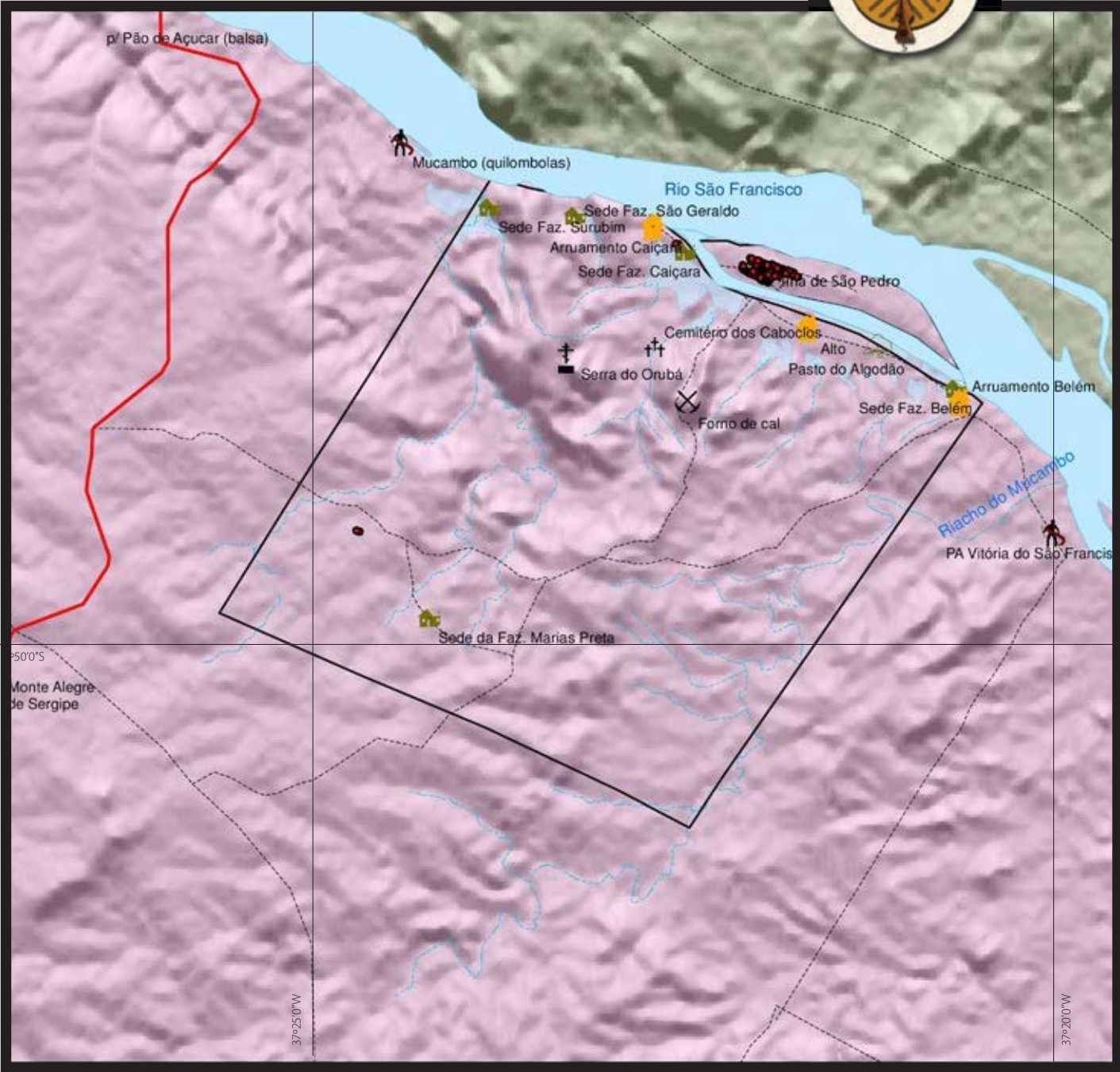
A forte ligação entre o povo Xokó e seu território se materializa em marcos na paisagem, sejam eles as matas, as serras ou o próprio rio São Francisco, ou sejam lugares de importância histórica e cultural.

As **antigas sedes das fazendas** reconquistadas pelos Xokó, muitas delas em ruínas, são lugares de memória da história de luta do povo. No **Mapa 15 – Lugares importantes para a história dos Xokó** vemos as sedes das fazendas Belém, Surubim, São Geraldo, Caiçara, às margens do São Francisco, e a sede da Marias Pretas, na região mais ao sul da área.

Situado na área da Caiçara, o **Cemitério dos Caboclos** também é outro marco na história xokó. Antes de serem forçosamente enterrados juntos aos brancos, os Xokó faziam seus rituais funerários nesse local. Mesmo não sendo mais utilizado para sepultamentos, o Cemitério dos Caboclos ainda representa uma importante referência cultural para os Xokó, especialmente, como um espaço de morada dos antepassados.

Em uma pequena serra, a serra do Forno, próxima à região do Cemitério dos Caboclos, o **Forno do Cal** também aparece como testemunha da história xokó na região. Era um local de extração de calcário no qual alguns Xokó trabalhavam sob o regime de exploração pelos fazendeiros. Os casos de acidente no trabalho eram frequentes por falta de equipamentos adequados. Apesar de já terem recebido ofertas de empresas privadas para explorar esse recurso no território, as lideranças xokós manifestaram não possuir interesse em desenvolver esse tipo de atividade, principalmente por seu desejo de manter a conservação da mata de Caatinga nos possíveis pontos de jazidas de calcário.

Mapa 15 – Lugares importantes para a história dos Xokó



Legenda

- Forno de cal
- Ocupação Xokó
- Antiga sede de fazenda
- Local sagrado
- Antigo arruamento
- Local de uso dos Xokó
- Outras povoações
- Rio
- Terras Indígenas
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada de terra
- Lagoas
- Alagoas
- Sergipe

Fontes:

Topodata quad.8S375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>).  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009).  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida).  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000.





O **Alto da Teteia Romana**, ou simplesmente Alto ficava na divisa entre as fazendas Caiçara e Belém, onde antes da retomada da Ilha de São Pedro, a maior parte dos Xokó vivia. Outras poucas famílias moravam num arruado na Caiçara, em frente à Ilha e outros ainda num arruado próximo à sede da fazenda Belém. Esses arruados são vivos na memória dos mais velhos como lembranças do período em que eram explorados pelos fazendeiros.

Um ponto importantíssimo para os Xokó é o Ouricuri: local sagrado onde é realizado o ritual, que acontece todo primeiro final de semana do mês, reunindo boa parte dos Xokó que mora na Ilha de São Pedro. Nos encontros do Ouricuri são realizados cultos sagrados, comemorações, além de ser um momento de transmitir saberes intimamente ligados à natureza. A localização do Ouricuri é considerada secreta pelos Xokó e por isso não está representado nos mapas.

A **Igreja de São Pedro** e o **Convento**, construídos em 1716 têm importância histórica, social e religiosa. Os Xokó não se esquecem que a igreja serviu de abrigo durante a retomada da Ilha de São Pedro.

O **Cemitério da Ilha de São Pedro**, de 1883 é mais um lugar que representa o conflito entre os Xokó, religiosos e fazendeiros. Apesar de inicialmente ser reservado aos brancos serviu como um elemento estratégico de dominação cultural que ocasionou profundas perdas para a religiosidade dos Xokó.

A **Casa do Império**, localizada na Ilha de São Pedro ficou conhecida por esse nome quando Dom Pedro II, em viagem pelo rio São Francisco com destino a Paulo Afonso (BA), em 1859, ficou hospedado por breve tempo nessa casa. Os índios aproveitaram para levar reivindicações ao Imperador, queixando-se da violência e da expropriação de suas terras pelos fazendeiros. Segundo a tradição oral, o soberano teria confirmado a doação da terra aos índios, autorizando a ida de um grupo à Bahia para buscar os devidos documentos.



Cemitério da Ilha de São Pedro  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



Igreja de São Pedro  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



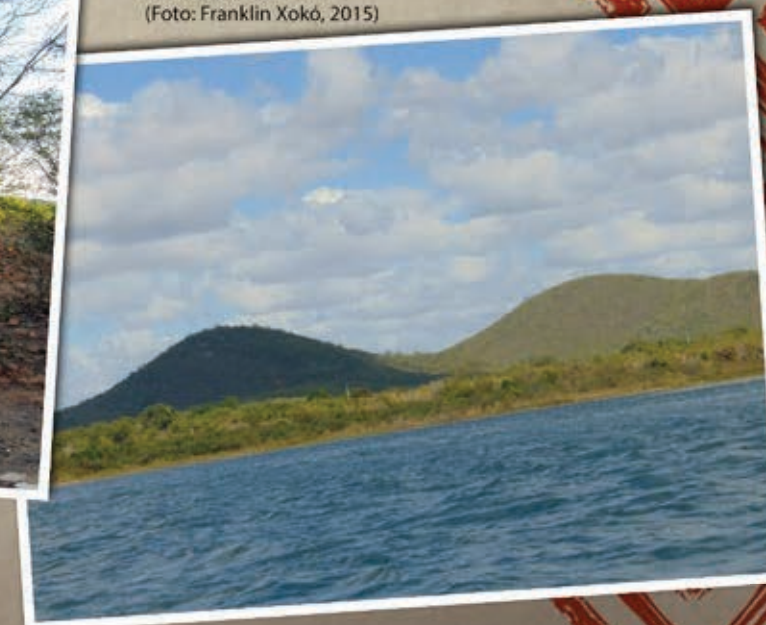
Cemitério dos Caboclos  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



Área da antiga Fazenda Caiçara  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



Ruínas da antiga sede  
da Fazenda Belém  
(Foto: Avelar Junior, 2015)



Serra do Forno do Cal  
(Foto: Franklin Xokó, 2015)





Área de retirada de madeira e caça predatória - rastros no chão (Foto: Avelar Junior, 2014)

## Principais ameaças e conflitos socioambientais

### Invasão territorial e caça ilegal

A principal ameaça à gestão territorial da terra indígena é o aumento dos casos de invasão na área para retirada ilegal de madeira e caça predatória. Essas invasões indicadas no mapa ocorrem principalmente nos limites sul e sudoeste da área, onde há uma das principais vias de acesso, além da região leste, na área limite ao assentamento rural. Neste último caso ocorre também eventualmente a entrada de gado de não indígenas no interior da terra indígena, que acaba por disputar alimento na Caatinga com o rebanho dos Xokó. Além disso, estas mesmas localidades são acessadas por caçadores, já que no interior do território indígena estão as maiores áreas de vegetação da região. Esses caçadores, em sua maioria caçam por esporte e lazer e não por necessidade.

A invasão por caçadores tem ameaçado inclusive o ritual sagrado do Ouricuri realizado na mata, pois acontece de se escutar o barulho de tiros durante o ritual. Quando isso ocorre o ritual é interrompido para não colocar em risco a segurança das pessoas que estão no Ouricuri.

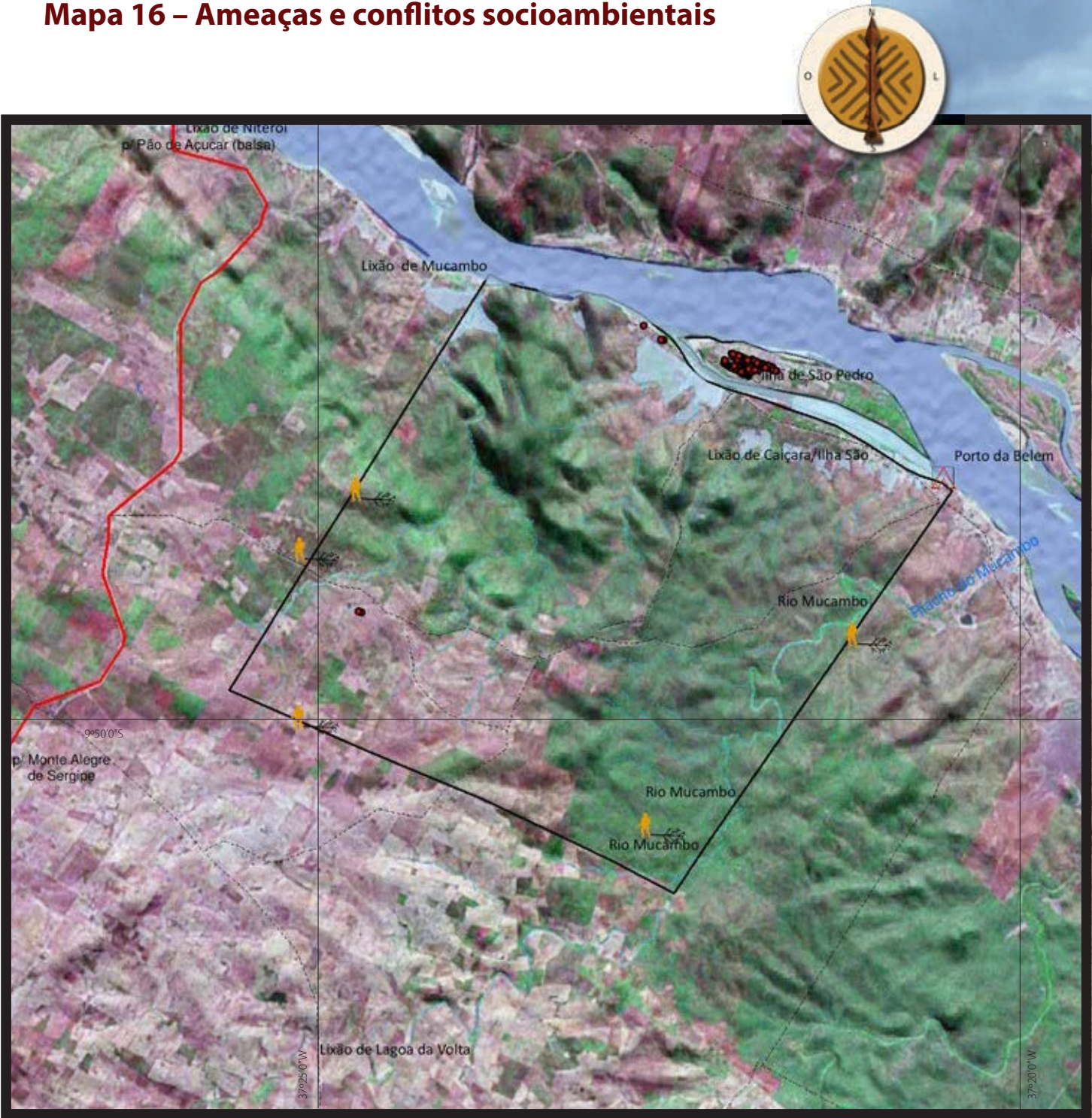
A região que fica às margens do rio também é uma área propícia a invasões por caçadores, através das paragens de repouso e pernoite utilizadas por pescadores, aceitas pelos Xokó e garantidas aos pescadores tradicionais pela legislação. Esses acessos também necessitam de atenção redobrada para que não ocorram entradas de caçadores por estas vias.

Constantemente denunciadas ao poder público, as invasões são consequência da falta de controle nos três acessos terrestres ao território por onde passam estradas vicinais, e ao longo das cercas que circundam a área, em seus pontos danificados. A rara biodiversidade da Caatinga na terra indígena acaba por atrair indivíduos das mais diversas localidades do entorno. A certeza da impunidade é um dos motivos pelos quais a invasão e a caça são constantes na terra indígena, apesar das investidas do povo Xokó para tentar coibir essas práticas. Dessa forma, algumas das propostas para amenizar tal situação, seriam a reparação das cercas ao longo de todo o perímetro da área indígena e a instalação de placas informativas sobre o caráter de proteção da TI, além das consequências legais às infrações de caça e retirada ilegal de madeira.





Mapa 16 – Ameaças e conflitos socioambientais



Legenda

- Pouso de pescadores
- Pontos de invasão para retirada de madeira e caça
- Habitações
- Aldeia
- Rio e lagoas
- Riachos e cursos temporários
- Estrada pavimentada
- Estrada não pavimentada

Fontes:

Fundo: Geocover, mosaico de imagens Landsat 7 (2000)  
Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000



Escassez hídrica

Apesar de estarem às margens do rio São Francisco, os Xokó vivem em uma região de clima semiárido onde raras famílias possuem sistema de irrigação para suas plantações, o que faz com que o sucesso dos roçados esteja diretamente ligado às chuvas. Apesar de chover pouco na região, os mais velhos contam que antigamente se sabia quando ia chover, quando as lagoas iam encher. Os ritmos da natureza eram mais previsíveis por aqueles que conheciam seus ciclos. Nos últimos anos, as chuvas tem se tornado mais escassas e irregulares levando muitas pessoas a desacreditarem na agricultura. O cacique conta que alguns jovens deixam de trabalhar na roça ou nem começam porque veem seus pais perdendo a plantação ano após ano. Para manter a juventude vivendo e trabalhando na Ilha de São Pedro é preciso buscar soluções diante dessa situação. Um exemplo de estratégias que estão sendo buscadas pelos jovens são os projetos de apicultura, o viveiro de produção de mudas nativas e fruteiras, as hortas em mandala apoiadas pelos Sebrae, o projeto de corte e costura da Associação de Mulheres Indígenas Xokó entre outras.

Resíduos sólidos: os lixões

O lixo é um dos problemas mais graves identificadas tanto numa escala local, já que o lixo da aldeia é levado a um lixão a céu aberto improvisado situado nas proximidades da Fazenda Belém (vide mapa a seguir), no interior da própria terra indígena, como numa escala regional: a presença de outros três lixões (nos povoados do Mocambo, Lagoa da Volta e em Linda França) nos arredores da TI Caiçara/Ilha de São Pedro apontam para um crescente risco de contaminação do solo e lençol freático por estes resíduos. Considerando que a agricultura é a principal atividade dos Xokó, a contaminação do solo e água na região pode trazer graves prejuízos não só à sua saúde, como também prejudicar suas atividades econômicas, das quais dependem para sobreviver. Além da contaminação, a ingestão de sacos plásticos e outros resíduos pelo gado, pode levá-lo à morte.











**Mapa 18 – Contexto regional e ameaças**  
(imagem de satélite)

**Fontes:**

Imagens de satélite India Resources Sat, 3 de abril de 2011 órbita ponto 337 083+ Topodata quad.85375 disponível em Inpe (<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>)  
Brasil Funai Terras Indígenas (2009)  
Brasil IBGE base cartográfica oficial (corrigida)  
Projeção geográfica, Datum SIRGAS 2000

1 0.5 0 1 2 3 4 Km

**Legenda**



Projeto de Usina Hidroelétrica



Plantação de Organismos Geneticamente Modificados (OGM)



Lixão



Cidade



Aldeia



Riachos temporários



Estrada não pavimentada



Estrada pavimentada



Sem informação sobre a situação da estrada



Limites da Terra Indígena



Rio São Francisco



**Usinas Hidrelétricas (UHE's) e a degradação do rio São Francisco**

As barragens das usinas hidrelétricas ao longo do rio São Francisco provocaram profundas mudanças rio e na vida das populações que vivem às margens do rio. As consequências mais diretas dessas obras são o assoreamento do leito do rio e a diminuição de peixes afetando diretamente os pescadores e comunidades que vivem da pesca. No caso do povo Xokó, apesar de ainda haver muitos pescadores na comunidade, a produção vinda da pesca diminuiu significativamente.

Os Xokó temem que esse cenário possa ser ainda piorado com a proposta de construção da Barragem Traíras, no município de Pão de Açúcar, aproximadamente 10 km à montante da terra indígena. Por conta da progressiva gravidade dos riscos ambientais já vivenciados por diversas comunidades do baixo São Francisco a rejeição popular tem sido predominante.

A situação de degradação do rio São Francisco tem afetado diretamente a saúde das famílias Xokó, uma vez que a água utilizada no abastecimento das casas vem do rio e encontra-se em péssimo estado para o consumo humano. Principalmente quando é no tempo das trovoadas, inúmeras pessoas da aldeia sofrem de dor de barriga e disenteria. Essa situação já levou à morte crianças da aldeia.



Usina Hidrelétrica do Xingó  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



Assoreamento do rio Pequeno  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



Lixo no rio São Francisco  
(Foto: Avelar Junior, 2014)

Assoreamento do rio São Francisco  
(Foto: Avelar Junior, 2014)



**Agricultura com Organismos Geneticamente Modificados**

A presença de plantações de milho geneticamente modificado em regiões próximas à terra indígena foi identificada na área do município de Monte Alegre (ver Mapa 17 e Mapa 18), que fica aproximadamente 27 km da TI, é preocupante por diversas razões: primeiro porque este tipo de cultivo em geral é acompanhado da aplicação maciça de agrotóxicos, que possuem potencial para contaminar solo e animais da região. Além disso, a segurança do consumo de alimentos transgênicos é altamente questionada no mundo inteiro, com pesquisas recentes mostrando que o consumo destes alimentos pode causar danos graves aos rins e fígado. Considerando que os Xokó adquirem parte de seus alimentos nas feiras e mercados regionais, é possível que estejam consumindo esse tipo de produto. Outro risco apresentado pelo cultivo milho geneticamente modificado nas imediações da área indígena é a contaminação das roças xokó. Uma vez que as variedades de milho presentes nas plantações indígenas não são cultivadas com uso de agrotóxicos, a contaminação delas com genes modificados em laboratório pode levar à perda de produtividade e à perda de mercados consumidores, pois o “rótulo orgânico” é um das principais atrativos dos produtos xokós nos mercados regionais.



## PLANO DE AÇÃO

### • RETIRADA ILEGAL DE MADEIRA E CAÇA PREDATÓRIA

#### ***O que precisa ser feito***

Identificação, registro, recuperação e fiscalização de áreas degradadas ou em risco, como também, o fortalecimento de ações preventivas junto às comunidades vizinhas: acordos comunitários, atividades de educação ambiental, planos de ações conjuntas;

Instalação de placas informativas ao longo dos limites e, principalmente, nos três acessos de estradas vicinais que cortam a terra indígena. Sugere-se que as placas informem de maneira direta e acessível as consequências para os invasores que não cumprirem a legislação ambiental que garante a proteção da Caatinga e a legislação indigenista que garante a exclusividade de uso do território indígena pelos Xokó;

Reativamento das cercas de todos os limites da terra indígena, prioritariamente, nos pontos danificados que facilitam o acesso dos invasores. Para as lideranças, as cercas devem ser dos dois lados, com um corredor no meio para permitir o controle e monitoramento dos limites. A cerca também é importante para impedir a entrada do gado dos vizinhos na área, principalmente, desde o Assentamento Vitória do São Francisco;

Garantir presença mais efetiva dos órgãos responsáveis para coibir a ação dos caçadores;

Formação de agentes florestais xokós para monitoramento ambiental e territorial;

Promoção de atividades produtivas, como a apicultura, que possibilitem a presença constante dos Xokó em pontos estratégicos do território, favorecendo a proteção dos locais mais vulneráveis às invasões, como também a geração de trabalho e renda.

#### ***Atores que devem estar envolvidos***

- Ministério Público;
- Polícia Federal;
- Fundação Nacional do Índio (Funai);
- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA);
- Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH/SE);
- Administração Estadual do Meio Ambiental (Adema/SE)
- Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Porto da Folha;
- Pelotão da Polícia Florestal de Sergipe;
- Companhia de Polícia de Ações em Caatinga (CPAC).





• RESÍDUOS LÍQUIDOS E SÓLIDOS

**O que precisa ser feito**

Promover o consumo consciente de produtos industrializados, a coleta seletiva e o depósito adequado dos resíduos sólidos, juntamente, com o tratamento dos efluentes líquidos;

Elaboração e distribuição de cartilhas educativas contando com o apoio de professores e agentes públicos locais (médicos, enfermeiros, assistentes sociais, etc.);

Instalação de placas informativas em locais estratégicos, voltadas para os públicos que frequentam as áreas impactadas (beira de rio, escola, quintais, áreas públicas, etc.);

**Atores que devem estar envolvidos**

- Fundação Nacional do Índio (Funai);
- Pólo Base de Saúde;
- Escola Estadual Indígena Dom José Brandão e Castro.

• RIO SÃO FRANCISCO

**O que precisa ser feito**

Dar continuidade às ações legais que envolvem o fornecimento de água potável à comunidade;

Buscar os meios legais para tratar dos impactos sociais e ambientais ocasionados pelas barragens, indústrias, cidades e fazendas;

Demandar do Governo Federal a revitalização do rio São Francisco;

Participar de campanhas para a proteção do rio;

Desenvolver ações educativas para o uso consciente dos recursos hídricos.

**Atores que devem estar envolvidos**

- Agência Nacional de Águas (ANA);
- Comitê da Bacia Hidrográfica do rio São Francisco;
- Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF);
- Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF);
- Fundação Nacional do Índio (Funai);
- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA);
- Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH/SE);
- Administração Estadual do Meio Ambiental (Adema/SE);
- Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Porto da Folha.

• RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE

**O que precisa ser feito**

Promover rodas de conversa entre grupos geracionais, “contação” de histórias (especialmente, como atividade pedagógica regular na escola), realização de produções audiovisuais, caminhadas coletivas pelo território e compartilhamento de experiências laborais (roçado, pesca, produção cerâmica, etc.);

Desenvolver projetos de educação patrimonial nas organizações locais;

Fomentar a arte indígena local como possibilidade de geração de renda, sem descaracterizar seus sentidos simbólicos;

Viabilizar a produção e circulação comercial de produtos, tais como: adornos, vestes, instrumentos musicais, cestarias e peças cerâmicas.

**Atores que devem estar envolvidos**

- Fundação Nacional do Índio (Funai)
- Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe
- Secretaria Municipal da Cultura de Porto da Folha
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae)
- Escola Estadual Indígena Dom José Brandão e Castro.



***Xokós que participaram da construção  
do Etnomapeamento através das oficinas  
de mapeamento e de produção audiovisual***

Ana Lúcia Martins

Andréia Sanawá Lima Medeiros

Antônio Carlos Acácio

Camila Pereira da Silva

Ednaldo Medeiros

Edriene Santos

Ellen Feitosa

Erika Rodrigues (em memória)

Filipe Gonçalves Feitosa

Glícia Nataly

Henrique Costa

Ítala Jaciara Apolônio Lima

Jéssica Danilla

Joseane Acácio dos Santos

Juliana Apolônio dos Santos

Juma Grazielle Tenório

Karine Santos

Leidi Maura Rodrigues Ramos

Lucas Medeiros

Marcos Vinícius

Moisés Melo

Monalisa Ramos

Pablo Carlos

Patrícia Apolônio dos Santos

Priscila Apolônio Acácio

Roberto Lima

Rodolfo Medeiros

Sasha Nogueira

Suzimar Nogueira

Valtenyo Medeiros

Yatan Lima

Yolanda Kiara Acácio Apolônio

***Pessoas entrevistadas e/ou consultadas***

Antônio Clementino de Melo  
(Seu Antônio D'Alia)

Ednaldo Medeiros

Evalda Acácio dos Santos

Franklin Melo

Heleno Bezerra Lima

Izabel Lima

Lucimário Apolônio Lima (Cacique Bá)

Manuel Acácio Martins (Seu Nene)

Maria da Costa dos Santos (Dona Dadinha)

Maria José Faustino (Dona Zezé)

Marilene dos Santos

Oliveira Bezerra Lima

Paulo Bezerra

Raimundo Bezerra Lima (Pajé Raimundo)  
(em memória)

Uiran Ricardo

Yatan Lima





